

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ROZANE IMMIG MAZZUCO

A VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE DE SÃO BORJA- RS
Sobre Lurdes de Deus, a rainha dos tabuleiros

São Borja, RS

2021

ROZANE IMMIG MAZZUCO

A VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE DE SÃO BORJA- RS
Sobre Lurdes de Deus, a rainha dos tabuleiros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Humanas.

Orientadora: Yáscara Michele Neves Koga

São Borja, RS

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

I671v Immig Mazzuco, Rozane

A VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE DE SÃO BORJA-
RE: Lurdes de Deus, A Rainha dos Tabuleiros / Rozane Immig
Mazzuco.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, CIÊNCIAS HUMANAS, 2021.

"Orientação: Yáscara Michele Neves koga Guindani".

1. Mulher Negra. 2. Racismo. 3. Trabalho. 4. Capital
Social. 5. Distinção. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ROZANE IMMIG MAZZUCO

A VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE DE SÃO BORJA-RS: Lurdes de Deus, a rainha dos tabuleiros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Humanas - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13/05/2021.

Banca examinadora:

Prof.ª Dra. Yáscara Koga Guindani
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Evandro Ricardo Guindani

UNIPAMPA

Prof. Esp. José Marcandes Andrade da Cruz
EECF Franco Baglioni



Assinado eletronicamente por José Marcandes Andrade da Cruz, Usuário Externo, em 19/05/2021, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por EVANDRO RICARDO GUINDANI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 19/05/2021, às 18:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por YASCARA MICHELE NEVES KOGA GUINDANI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 19/05/2021, às 18:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0528362 e o código CRC B1FBA1A3.

Dedico este trabalho ao meu filho Derli Froner Junior, a minha mãe Maria Edi e ao meu esposo Marco Antônio que me incentivam a seguir em frente, mesmo com alguns problemas surgido no caminho da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre presente na minha vida me ajudando, amparando e não deixando desanimar, mas me fazendo forte para ultrapassar cada obstáculo encontrados ao longo da minha caminhada.

Agradeço meu amado filho Derli Froner Junior fonte de amor, carinho, atenção e apoio durante essa minha jornada. A minha amada mãe Maria Edi com seu amor incondicional que sempre me incentivou nas horas difíceis que tive que passar, ela estava ali me dando força para realizar meus objetivos. A minha irmã Naida pelo companheirismo e pelo apoio naquelas horas difíceis que tudo acontece na vida da gente, e em especial a minha irmã Rejane Mazzuco Belladona (*In memórian*) que nos deixou há menos de 5 meses, que sempre me deu força desde o momento que eu fui fazer meu Enem, ela estava do meu lado apoiando e fazendo eu ver o melhor de tudo e me incentivando a crescer cada vez mais, e de algum lugar onde estiver deve estar vibrando com minha vitória tão esperada.

Ao meu esposo Marco Antonio da Silva Martins, por ele estar sempre ao meu lado, pelos momentos de companheirismo, pela dedicação oferecida e pela compreensão aos momentos de ausência enquanto me dedicava aos estudos desse curso.

A minha querida sogra Josefa Martins pelo apoio dedicado, por acreditar no meu potencial, por torcer por mim para que o sonho da faculdade se tornasse realidade.

A todos meus colegas de turma pelos anos de convivência, pelo ambiente amistoso, que serão lembrados para sempre. Em especial aos meus colegas e amigos, Andressa Martini, Carina Boeira, Silvana Muniz e Daniel Lemos Guimarães, com quem pude dividir momentos de pesquisa, reflexão e troca de ideias, experiência e debate, além de muitas risadas e acolhimento, companheirismo e ajuda mútua que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Agradeço minha Orientadora Professora Yáscara Michele Koga pelo suporte e incentivo e dedicação e pelas orientações e por aceitar conduzir meu trabalho de pesquisa.

Agradeço aos filhos de Dona Lurdes de Deus por me receber e me conceder a entrevista e por terem sido cordiais e proporcionar e enriquecer o meu trabalho

de conclusão de curso, me oportunizando degustar os seus quitutes que me fez viajar no tempo de Dona Lurdes de Deus.

Agradecer ao Senhor Virgílio da Silva Martins, o ex-presidente do Clube Recreativo São-borjense, por ter me concedido essa entrevista, disponibilizando parte de seu tempo e colaborando com o meu trabalho.

Aos meus professores do curso pela excelência da qualidade técnica de cada um, que através dos seus ensinamentos foram corresponsáveis pelo meu crescimento intelectual, que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Sou grata a Universidade dos Pampas, por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos. Agradeço a cada membro do corpo docente, à direção e a administração dessa instituição de ensino.

Por fim agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.



Professora Yascara, Professor Evandro, Professora Claudete, Professora Kelly,

Professor Anderson, Professora Viviane, Professor Rodrigo, Professor Edison,

Professora Juliana, Professor Gerson, Professor Muriel, Professora Nola,

Professora Carmen Professor Ronaldo, Professor Rafael, Professora Adriana

Professora Lisianne, Professora Lauren, Professora Camila.



Tire o seu racismo
do caminho, que
eu quero passar
com a minha cor.

RESUMO

O Presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo a trajetória de uma mulher negra da cidade de São Borja que se destacou pelos seus quitutes e pelo fato de adquirir uma certa distinção na cidade em função de prestar serviços à elite local. A problemática se desenvolveu em torno de uma questão central: Como se deu a representatividade negra na figura de Dona Lurdes de Deus? E dessa questão central emergem algumas questões que se inter-relacionam: Como uma mulher negra como a quituteira Dona Lurdes conseguiu adquirir distinção social? Em que medida o trabalho de Dona Lurdes ainda pode ser considerado um serviço prestado “à alta sociedade” de São Borja? Dona Lurdes de Deus da Silva, uma mulher negra que nasceu em 31 de março de 1922, no bairro do Tiro, sem boneca, nem roupa bonita e muito menos uma foto para lembrar da sua infância, mas com tudo isso, aquela menina não apagou o belo sorriso e alegria de viver. A referida pesquisa fez uso de pesquisa bibliográfica em torno da temática étnico-racial e de análise de livros, reportagens e entrevistas acerca da pessoa de Dona Lurdes. Os resultados apontam que Dona Lurdes conseguiu uma distinção em função da qualidade de seu serviço aliado ao capital social que construiu ao longo da vida.

Palavras-Chave: Racismo, trabalho, distinção, capital social.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión del curso tiene como objeto de estudio la trayectoria de una mujer negra de la ciudad de São Borja que se destacó por sus manjares y por el hecho de adquirir cierta distinción en la ciudad en función de la prestación de servicios a la élite local. El problema se desarrolló en torno a algunas cuestiones interrelacionadas: ¿Cómo logró una mujer negra como la terrateniente Doña Lurdes adquirir distinción social? ¿Hasta qué punto la obra de Doña Lurdes puede seguir considerándose un servicio prestado “a la alta sociedad” en São Borja? Doña Lurdes de Deus da Silva, una mujer negra que nació el 31 de marzo de 1922, en el distrito de Tiro, sin muñeca, ni ropa bonita, mucho menos una foto para recordar su infancia, pero con todo eso, esa niña lo hizo. No borre la hermosa sonrisa y la alegría de vivir. Esta investigación hizo uso de investigaciones bibliográficas en torno al tema étnico-racial y análisis de libros, reportajes y entrevistas sobre la persona de Doña Lurdes. Los resultados muestran que Doña Lurdes ha logrado una distinción por la calidad de su servicio combinada con el capital social que ha construido a lo largo de su vida.

Palabras clave: Racismo, trabajo, distinción, capital social.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO.....	9
RESUMEN	10
1. INTRODUÇÃO	12
2. A HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA BRASILEIRA.....	15
2.1. A história das mulheres negras no Brasil	19
2.2. A resistência da mulher negra na sociedade brasileira.....	21
2.3. A luta das mulheres negras contra a escravidão no Brasil.....	22
2.4. O trabalho de ganho e as ganhadeiras no contexto do Brasil e da cidade de Salvador.	25
2.5. Sobre Segregação racial	28
2.6. Auto declaração de raça.....	30
3. FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA DE VIDA.....	34
3.1. Metodologia	34
3.2. Lurdes de Deus, a rainha dos tabuleiros	35
3.3. O Clube Recreativo São-borjense e o Bloco de Lurdes de Deus.....	41
3.4. A mulher negra na sociedade de São Borja.....	44
3.5. Dona Lurdes e a questão racial na cidade de São Borja sob a ótica dos entrevistados	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERENCIAS.....	56
ANEXOS	60

1. INTRODUÇÃO

A questão étnico-racial é de suma importância para ser discutida no âmbito acadêmico e educacional. A cidade de São Borja, localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul foi fundada em 1682 pelos padres jesuítas, a primeira cidade dos Sete Povos das Missões. São Borja tem a civilização mais antiga do estado, e uma das mais antigas do Brasil. O perfil da população de São Borja é caracterizado por uma miscigenação cultural entre espanhóis, portugueses, pretos e povos originários (Guaranis). Assim torna-se relevante discutir esta temática numa região marcada por uma história escravocrata. De maior relevância ainda está a discussão sobre a mulher negra.

Para entender a situação da mulher negra precisamos compreender a história da sociedade brasileira, sua estrutura extremamente hierarquizada. Num lado desta hierarquia social encontramos os grandes proprietários de terras (os estancieiros), que concentram em suas mãos o poder econômico e político, na outra parte, os escravos, a força de trabalho efetiva desta sociedade. Nos séculos XVI ao XIX as mulheres negras e escravas não tinham direito algum, foram consideradas “máquinas vivas” sujeitas à autoridade dos seus donos e seu trabalho poderia ser obtido pela força, elas podiam ter vontades, mas não podiam realizá-las.

Com a falta de mão de obra nas lavouras de cana-de-açúcar, se estabeleceu o tráfico dos negros, nos navios conhecidos como “navios negreiros”. Esse é o nome dado aos navios de cargas para o transporte de pessoas escravizadas, especialmente africanos. Nos porões os escravizados eram separados, de um lado ficavam os homens e no outro as mulheres e crianças, eram embarcados à força, amontoados e aprisionados em porões dos navios escuros e sem nenhum cuidado com a higiene, onde a fome, a sede, as doenças e a sujeira tomavam conta. O sofrimento já iniciava em sua própria terra, onde eram tiradas de forma violenta de suas famílias, do seu povo e de onde viviam e eram levadas para os portos. Lá ficavam à espera da lotação do navio que levariam a atravessar o oceano. Na viagem boa parte delas morriam, ficavam ali mesmo por vários dias e depois jogadas ao mar. Quando não morriam sofriam violência sexual e diversas humilhações por parte da tripulação

As mulheres negras saíram de seus locais de origem para seus corpos serem escravizados. As mulheres escravas no período colonial brasileiro eram tratadas

com violência e penalizadas, por serem mulheres negras. Essas mulheres, mesmo discriminadas na sociedade, tinham funções diversas, serviam como mucamas, escravas de ganho, amas de leite, sendo usadas como reprodutoras de novos escravos, usada como mãe de novos bastardos, para o mercado de mão-de-obra em potencial, trabalhadoras das lavouras, corte e do engenho, prostitutas, doceiras ambulantes chamadas de “negras de tabuleiros” ou quituteiras.

Quanto aos locais que viviam nas senzalas, nos centros urbanos ou casa grande, eram abusadas sexualmente por homens de sua convivência. Ainda eram marcadas como bicho à fogo no ombro, na coxa ou no peito, com os sinais diferente de seu proprietário ou proprietária. O fato de ser mulher não privou de sofrerem todo o tipo de castigo, sempre que suas atitudes fossem julgadas inadequadas.

A partir de 1888 as mulheres tornaram-se “livres”, mas não conseguiram se livrar das péssimas condições de trabalho. A baixa renumeração não era suficiente para suprir as suas necessidades básicas. Desde escravidão até agora, as mulheres negras sofreram e continuam sendo discriminadas pelo seu passado.

Hoje se torna importante reconhecemos a situação em que se encontra essa parte da população brasileira, que enfrentaram e enfrentam a discriminação e a violência até hoje, onde elas são vítimas de uma sociedade opressora e machista, mas que não deixaram de lutar por uma vida com liberdade e igualdade. Será muito importante trazer luz a história das mulheres negras no Brasil que tem uma luta pouco conhecida pela historiografia brasileira. Que os negros e brancos conheçam a história africana e afro-brasileira para valorizá-la e respeitá-la. Infelizmente, a desigualdade social no Brasil tem cor e sexo.

Diante disso, este trabalho resulta de uma pesquisa que teve como objeto de estudo a trajetória de uma mulher negra da cidade de São Borja que se destacou pelos seus quitutes e pelo fato de adquirir uma certa distinção na cidade em função de prestar serviços à elite local.

A problemática se desenvolveu em torno de uma questão central: Como se deu a representatividade negra na figura de Dona Lurdes de Deus? E dessa questão central emergem algumas questões que se inter-relacionam: Como uma mulher negra como a quituteira Dona Lurdes conseguiu adquirir distinção social? Em que medida o trabalho de Dona Lurdes ainda pode ser considerado um serviço prestado “à alta sociedade” de São Borja?

Quanto à abordagem, essa investigação usou a pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2001) esta pesquisa nos ajuda a trabalhar com significados, valores, crenças e atitudes. Quanto aos procedimentos esta investigação fez uso de três: Pesquisa bibliográfica sobre o tema da historiografia da mulher negra; Análise documental de livros e reportagens sobre Dona Lurdes e Entrevistas com pessoas que tiveram contato com Dona Lurdes.

Para o desenvolvimento dessa problemática buscamos construir um referencial teórico a partir da discussão em torno da historiografia da mulher negra, da questão da segregação racial, e uma análise da mulher negra no Brasil, apontando alguns casos de destaque na sociedade brasileira.

Para análise da problemática em si foram utilizados relatos da vida da Dona Lurdes por meio de livros, reportagens e entrevistas com seus filhos. Este é o conteúdo apresentado no último capítulo.

2. A HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA BRASILEIRA

Os estudos de Hilário (2010) observam a historiografia dos negros no Brasil salientada por marcas de crueldade desumana. Os negros foram retirados de suas terras e condenados a uma vida miserável, de exploração até a morte, sobrevivendo diariamente a massacres de castigos físicos e morais, com traumas psicológicos de uma gravidade imensa.

Ao trazer essa visão para as mulheres, se percebe que os laços afetivos delas foram desfeitos no momento em que foram sequestradas em suas terras. Tiveram suas vidas esvaziadas de sentido, tendo de cuidar dos filhos dos outros, sendo que a maioria deixou os seus para morrer em algum lugar, ou pior, foram mortos na sua frente. Eram utilizadas para reprodução para ampliar o número de escravos dos senhores. Eram estupradas pelos senhores e por seus capangas. Eram humilhadas pelas senhoras e não tinham nem ao menos o direito de reclamar por melhores tratos (CARMO; PEREIRA, 2015).

A Lei Áurea foi assinada em 1888 e deixou os negros à própria sorte, conforme relatos de Daflon (2014). Estes vieram a integrar uma sociedade que não os via como seres humanos, em um mercado de trabalho que no futuro, institucionalizou sua imagem como um ser inferior, incapaz e não merecedor de respeito, oportunidades e empatia.

Sem direito à educação e renegados à própria sorte, constituíram uma sociedade pobre e miserável, que sobrevive como pode. Precisaram criar escolas para ensinar uns aos outros pois não os aceitavam nas escolas 'de brancos'. Após anos de segregação, criaram movimentos, como o Movimento Negro Unificado, que visava reivindicar direitos, em especial, o direito à vida. E assim, criaram territórios (GARCIA; PINTO, 2018).

Os estudos de Haesbaert (2014) dizem que um território culturalizado e socializado é composto por sua vivência. Carrega significado e traz em seu cerne os 500 anos de violação de direitos. Nesse cenário, está a mulher negra, que busca territorializar sua vida de forma a cultuar sua memória, construir sua história e revelar sua vivência, por meio de costumes, tradições, ações e mesmo omissões, onde deixa de demonstrar suas raízes por medo ou receio de algum perigo ou

violência que venha sofrer. Esse é o cenário onde estão inseridas as mulheres negras que ajudaram a construir a história do nosso país.

Nessa visão, a construção do território da mulher negra se dá a partir dela mesma e do cenário em que elabora para viver. Ela resiste ao senso comum, cria novas noções de si mesma, se reinventa e constrói, ela própria, seu caminho e sua história. Importa ressaltar que a modernidade não deixou de ser racista.

A chamada senzala moderna colocou as mulheres negras nos lugares de babás, diaristas, auxiliares de limpeza, cozinheiras, em um paralelo direto com as funções que essas mulheres exerciam no passado dentro das casas dos senhores de engenho. Fica a impressão de que a sociedade é realmente muito rasa, muito transparente em suas trajetórias, visto que o tempo passa, os discursos mudam, mas as ações, continuam as mesmas (CARVALHO, 2013).

Depois dos anos 70, quando o feminismo começava a se expandir no Brasil e no mundo, as mulheres tomaram as palavras para denunciar os longos séculos de dominação a que foram submetidas. A fala feminina começava a emergir do silêncio, transformando-se em protestos, mudando valores e provocando rupturas que hoje achamos naturais, mas que para a época, eram radicais (CARVALHO FILHO, 1997, p. 137).

Carmo; Pereira (2015) contribuem para compreendermos a construção da história das mulheres com uma visão transdisciplinar que colaborou ativamente na análise das contribuições do movimento feminista. O artigo visou contrapor o modelo androcêntrico do fazer histórico, buscando dar luz à história de mulheres importantes para a construção da sociedade mundial atual.

Para as autoras, refletir sobre a construção de uma História das Mulheres implicou em perceber que os modelos 'homem' e 'mulher' e os vários aspectos relacionados às construções de identidade e gênero se transformaram ao longo dos séculos e hoje, são fatores essenciais para a construção de uma cidadania digna para todos e todas. No estudo, procurou-se romper os paradigmas do modelo androcêntrico que impôs à mulher a invisibilidade através dos séculos, que resultou em tempos de exclusão, violência e abusos contra a mulher, vistos como normais pela sociedade (CARMO; PEREIRA, 2015).

Sendo assim, buscar compreender a história das mulheres pode contribuir ativamente para o enriquecimento do conhecimento da trajetória das mulheres

negras no Brasil e no mundo, que é foco desse trabalho. Conhecer a história das mulheres, contribui para conhecer a história da mulher negra e suas contribuições para a sociedade moderna.

Existe uma dicotomia entre os homens e as mulheres desde que o mundo se socializou, ou antes mesmo disso. O homem sempre ditou sua superioridade cultural, racional e pública em detrimento das mulheres, e pouco se sabe onde, porque e como isso iniciou. Isso evidencia a predominância do homem nas narrativas históricas, em especial na história do Brasil, onde os heróis e bandidos eram sempre homens, e muito pouco se contou sobre as mulheres, tão essenciais para a construção desses momentos, pois:

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da História. O desenvolvimento da Antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da História das "Mentalidades", mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair dessa sombra. E mais ainda o movimento das próprias mulheres e as interrogações que suscitou. "Onde vivemos? Para onde vamos?", pensavam elas; e dentro e fora das Universidades levaram a cabo investigações para encontrarem os vestígios das suas antepassadas e, sobretudo, para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo (DUBY; PERROT *apud* CARMO; PEREIRA, 2015, p. 23417).

Queiroz (2017) também percebe isso, pois as mulheres escravas, para conseguirem baixar o preço de sua liberdade, utilizavam das mais diversas artimanhas. Uma delas era fugir sempre que podiam, desvalorizando seu 'passe' e fazendo com que o senhor quisesse se livrar delas o mais rápido possível.

Na visão das autoras, a historiografia oficial foi marcada por estereótipos, preconceitos e hierarquias de valores deve ser totalmente desconstruída pela abordagem transdisciplinar. Essa abordagem propõe abalar as verdades absolutas do modelo cartesiano científico dominante, e traz assim, novas evidências científicas que causam dilemas no mundo do androcentrismo.

Conforme os estudos de Perrot (2001) explicam, nesse contexto se insere a mulher, por meio do paradigma emergente transdisciplinar, onde ela consegue romper a barreira do silêncio e da invisibilidade impostas a ela ao longo de toda a história. Então, fica fácil perceber que a ciência clássica moderna não consegue mais explicar tudo, mas se propõe a encontrar um meio termo na realidade para uma nova base epistêmica que possa caminhar para novas possibilidades do fazer científico social.

Ainda na visão de Perrot (2001), se percebe que a história das mulheres trouxe a possibilidade de a mulher compreender melhor sua história e sua importância no contexto histórico mundial. Foi possível compreender as identidades como fruto de uma construção histórica onde sua participação quase sempre ficou em segundo plano, mesmo tendo importância primordial no acontecimento. Os movimentos feministas surgem e após a Guerra Fria incluem-se na chamada Nova Ordem Mundial, com o fortalecimento do capital e o fim da União Soviética não havia mais porque permanecer com a perspectiva machista exclusivista.

Importa ressaltar que

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (DEL PRIORE, 2004, p. 7).

O texto de Del Priore traz histórias que refletem as mais variadas realidades: o campo e a cidade, o norte, o sudeste e o sul. Retrata os mais diferentes espaços: a casa e a rua, a fábrica e o sindicato, o campo e a escola, a literatura e as páginas de revista. Explicita também os múltiplos extratos sociais: escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas, heroínas românticas, donas de casa, professoras, boias-frias.

Nessa obra é possível perceber inúmeras reflexões de diversos autores sobre as sociedades ao longo dos tempos e o papel das mulheres dentro delas. O mais incrível, é perceber que a mulher só teve seu lugar afirmado e garantido no século atual, com vivências e lutas de dezenas de anos, pois o correto era estar em casa, cuidando de seus afazeres e dos filhos (DEL PRIORE, 2004).

Retomando a questão político-histórica, Campos; Machado (2015) refletem que o novo cenário pós Guerra Fria apresentou novos sujeitos, que antes se viam dissolvidos na unidade de classe. Construiu-se novas identidades e novas lutas iniciaram, buscando direitos mais específicos, ligados intimamente às novas práticas dos movimentos sociais, tais como o Movimento Negro, o Movimento LGBTQTTTS, o Movimento Ambientalista, entre outros.

Nesse contexto, é importante analisar a história da mulher negra no Brasil, bem como as especificidades relacionadas a mulher negra escrava. Isso é, sem

dúvida, um exercício muito enriquecedor na busca pela compreensão das disparidades históricas de gênero e cor no mundo todo.

2.1. A história das mulheres negras no Brasil

Falar da mulher escrava em um período de extrema opressão é penetrar no universo de quem viveu a experiência de ter tido uma invisibilidade permanente por muitos séculos, e ainda hoje, demora para ser 'vista' em uma sociedade amplamente machista (CARDOSO, 2014).

Costa et. al (2012) relatam que desde o período escravocrata brasileiro, as mulheres negras demonstraram sua força por meio da resistência e luta pela liberdade, embora a historiografia se apresente muito deficitária no que se refere à essas personagens. Faltam informações sobre a atuação das mulheres, em especial, as negras na história do Brasil, e elas participaram sim, contribuíram e muito para a construção do Brasil que se tem hoje. Os autores ressaltam que as mulheres negras deram exemplo de luta e inteligência para conseguir superar as dificuldades por meio do seu trabalho.

Garcia; Pinto (2018) ressaltam que as Negras de Tabuleiro, com seu comércio ameaçaram a ordem do Estado, configurando um 'perigo' para a sociedade mineradora do século XVIII. Foram presas, açoitadas, torturadas, e mesmo assim, conseguiram acumular ganhos, comprar alforrias e outros bens somente com o fruto do trabalho dos seus tabuleiros no estado de Minas Gerais.

Havia ainda a questão da prostituição, que devido à extrema pobreza, era a base de sobrevivência de muitas mulheres após a abolição da escravatura. Era bem comum enteadas, filhas, irmãs, cunhadas e esposas se prostituírem para sustentar suas famílias, pois os maridos não conseguiam prover a subsistência da família. Em regiões ricas, a prostituição e o comércio favoreciam riquezas, mas nunca para elas, e sim para seus senhorios que se aproveitavam de sua miséria e desespero para ganhar muito em cima dos seus corpos vendidos nos prostíbulos (GARCIA; PINTO, 2018).

Madeira (2020) aponta que a escravidão no Brasil foi algo tão intenso que atingiu a todas as classes sociais. Ser proprietário de um negro passou a ser algo banal, que chegou ao ponto de homens que eram escravos passarem a comprar

escravos, somente como forma de demonstrar seu poder, sua ascensão social. Ocorre que alguns escravos eram tratados como entes familiares, e citados em testamentos, recebiam recursos e liberdade, e ao invés de se voltarem a ajudar seu povo, preferiam acreditar que haviam ascendido a algo melhor. Triste, mas uma realidade.

Ainda na visão de Madeira (2020, p. 24):

Percebe-se também que a vida das mulheres negras nas cidades era bem diferente em comparação à vida no campo. Nas cidades conseguiam, como escravas de ganho, comprar a liberdade, já no campo, viviam enclausuradas. Desse modo, os escravos urbanos tinham muito mais possibilidades de comprar sua alforria, conseguiam se libertar, formavam “redes urbanas de clientela”, comercializavam e demonstravam sua honestidade pagando suas dívidas, mostrando-se confiáveis. Já no campo, a principal forma para se alcançar a liberdade era a fuga.

Muitos fugiam pelo Rio Grande do Sul para a Argentina ou outro país que não tivesse mais escravidão. Ocorriam diversos problemas diplomáticos por conta disso e muitos foram os episódios de ‘devolução’ dos fugidos.

Soihet (2003, p. 44) afirma que “as mulheres têm uma contribuição peculiar, na construção da cultura e da linguagem, marcada pelas diferenças de gênero, decorrentes das especificidades de sua inserção social e cultural”.

Em Porto Alegre, as mulheres negras aparecem de forma significativa nas concessões de alforrias. Eram 56% registradas. Ressalta-se que os senhores optavam por libertar as mulheres que já tinham filhos, esses, escravos, ficavam com o senhor. Se a mulher fosse jovem e pudesse gerar mais filhos, não recebia a alforria, pois ainda poderia trazer ‘lucros’ ao senhor (GARCIA; PINTO, 2018).

Essas mulheres ainda sofriam com casamentos arranjados (mulher forte com homem forte geraria um escravo forte), com maridos violentos e exploradores. Na miséria em que viviam, homens buscavam mulheres trabalhadeiras para sustentar suas famílias, e as quitandeiras eram as que mais chamavam atenção dos pretendentes. Mesmo casadas, ainda eram exploradas pelos maridos trabalhando sem descanso nas quitandas para sustentar seus filhos e maridos, ajudando a comprar a liberdade deles e de outros (PAIXÃO; GOMES, 2012).

Campos; Machado (2015) observam que ser mulher e negra em uma sociedade escravista e machista foi realmente muito difícil, mas que ninguém que não tenha vivido aquele momento pode realmente avaliar essa dificuldade. Elas

estiveram à mercê de todo o tipo de violência, física e psicológica, enfrentando crueldade, escravidão, opressão e todo tipo de humilhação. Para a mulher daquele período, a liberdade significava o direito de ir e vir, ficar com seus filhos, não apanhar, não ser estuprada nem humilhada, ter autonomia de trabalho e ter sua casa e seu sustento.

Após a abolição da escravatura ou mesmo após a alforria, as mulheres negras libertas continuaram ocupando basicamente o serviço doméstico. Não tinham estudado e nem se qualificado em outra profissão que não fosse para tarefas domésticas. Nesse contexto:

Passado e presente das mulheres negras são atuais e verdadeiros. Entre a vitimização e a produção simbólica de heróis, há experiências complexas de luta, opressão, humilhação, superação, amor, dor, desejos, escolhas, alegrias e desafios. Constatar isso pode se pouco. Mas importante será conhecer e tornar visível- em alguns espaços do conhecimento e da decisão sobre as políticas públicas- o universo das mulheres negras e o seu protagonismo de ontem e hoje (PAIXÃO; GOMES, 2012, p. 311).

Dentro desse contexto, e retomando as visões analisadas nesse capítulo, é possível perceber que as mulheres negras, por meio de sua militância atual, podem observar que a sua temática sempre é deixada para o segundo plano. O movimento feminino brasileiro tem reconhecido isso (PAIXÃO; GOMES, 2012). Assim, se faz necessário analisar a experiência vivida por uma mulher negra no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de São Borja, que construiu uma imagem respeitada dentro de uma sociedade amplamente escravocrata e machista.

2.2. A resistência da mulher negra na sociedade brasileira

Ao longo desse trabalho é notório destacar a luta, e os movimentos de resistência das mulheres negras, para garantirem sua visibilidade, seus direitos, e sua dignidade através de suas histórias de vida e processos de resistências que algumas mulheres negras, já apresentadas nesse trabalho foram travando, para que sua existência fosse respeitada e visível, no contexto em que estavam inseridas.

Lélia Gonzalez (2018) em seu livro "Primavera para as rosas negras", nos apresenta a condição da mulher negra na sociedade brasileira com um olhar político-econômico. Na obra fica claro que a mulher negra, em geral o povo negro, sofreu humilhação, discriminação, e todo tipo de violência possível.

Dá para se dizer que todo esse sofrimento e resistência foi um ato de coragem e “vontade ” de encontrar um meio para continuar sobrevivendo desde o ano de 1550, com o tráfico negreiro as mulheres já trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar no período colonial. E o fato de no final século XVI, grande parte da população ser negra, a sua realidade em números populacional, não condizia com melhores condições de vida. A própria autora nos lembra que os “casamentos inter-raciais ”que ocorriam, não se davam por amor, na maioria das vezes eram frutos de violência sexual, provocados por parte da minoria branca (senhores de engenho, traficantes de escravo).

Fato esse que por muito tempo levou a historiografia brasileira, a interpretar o processo de miscigenação como um fato “tão natural” e pacífico, como apresentado na obra de Gilberto Freyre (1957, p. 160-161), que por muito tempo embasou outros autores, para defender que o Brasil é uma democracia racial. Negando a existência do racismo, graças ao processo de miscigenação. Ponto esse que a autora trouxe elementos que mostram que houve resistências e luta das mulheres negras pela sua visibilidade, para poder quebrar o estereótipo difundido para o povo negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão. Lélia Gonzalez (2018), afirma que o negro” sempre buscou formas de resistências contra a situação sub-humana em que foi lançado” (GONZALEZ, 2018.p. 36).

É importante destacar também que o processo de ascensão econômica do povo negro, em relação as mulheres negras, se deu de certa forma que as mulheres negras, se via na maioria das vezes sem a possibilidade de novas perspectivas. Sendo colocada na condição de prestar serviços domésticos, junto as famílias de classe média e alta da formação social brasileira.

Nesse sentido, Gonzalez (2018, p. 45) acrescenta que a falta de perspectivas em relação as mulheres negras em outros ramos profissionais, reforçava a questão da diferenciação, da subordinação e da inferioridade que lhes seriam peculiares.

2.3. A luta das mulheres negras contra a escravidão no Brasil.

Importa destacar que tivemos na história do Brasil muitas mulheres negras que se destacaram na luta contra sua condição. Márcia Vargas (2016) foi autora de uma Produção Didático Pedagógica voltada ao enfrentamento da discriminação

contra a mulher negra. Nesta produção ela apresenta uma variedade de material didático que pode ser utilizado no ensino de questões concernentes ao racismo.

Extraímos desse trabalho de Vargas (2016, p.12) a apresentação de algumas mulheres brasileiras que lutaram contra a violência branca:

Dandara - Rainha de Palmares

Guerreira negra que lutou contra o sistema escravocrata do período colonial no século 17 casada com Zumbi dos Palmares e mãe de seus três filhos. Não se encaixava nos padrões para época e, por isso era considerada por muitos mais exigente que o próprio Zumbi. Dandara chegou a recusar alguns acordos de paz, pois queria a liberdade para todos que viviam em Palmares, Dandara se suicidou em 6 de fevereiro de 1694 para não voltar a condição de escrava.

Luisa Mahin - Guerreira da Liberdade.

Luisa esteve envolvida na articulação de todas as revoltas e levante de escravos que sacudiram a Bahia nas primeiras décadas do século 19. Quituteira de profissão, de seu tabuleiro eram distribuídas as mensagens para a organização das rebeliões. Ela esteve envolvida na Revolta dos Malês (1835) e na Sabinada (1837-1838). Caso o Levante dos Malês tivesse sido vitorioso, Luisa teria sido reconhecida como rainha da Bahia. Luisa Mahin entrou para a história pela escrita do filho, o poeta e precursor do abolicionismo no Brasil, Luiz Gama.

Maria Felipa- Heroína da Independência

Nascida na Ilha de Itaparica, Maria Felipa era marisqueira e pescadora. Teve participação fundamental para a vitória dos baianos contra os portugueses na de Dois de julho. Ela liderou um grupo de mulheres e homens de diferentes classes de etnias, armados com peixeiras e galhos de cansação, erva que causa uma forte coceira em quem é atingido. Eles serravam os soldados portugueses para depois atear fogo nos barcos, usando tochas feita de palhas de coco e chumbo. O nome da Maria Felipa conta no “Livro dos heróis e das heroínas da Pátria”, ao lado de Zumbi dos Palmares.

Nzinga - Estrategista de Guerra

Hábil guerreira e estrategista. Nzinga foi uma líder carismática, uma rainha que passou a vida combatendo e morreu sem nunca ter sido capturada. Enviada a Luana (Angola) pelo seu meio-irmão e rei da Angola Mbandi, para negociar com os portugueses, foi recebida pelo governador-geral, pediu a devolução de territórios em troca de sua conversão ao cristianismo recebendo o nome de D. Anna de Sousa. Não conseguindo a paz com os portugueses fundou o modelo de resistência de guerra que resultou nos quilombos. A sua história virou peça de teatro “A comida de Nzinga”.

Aqualtune - Princesa Escravizada no Brasil

Aqualtune foi uma princesa africana, filha do rei do Congo. No final do século XVI, sua nação foi invadida por um grupo de mercenários e, apesar de Aqualtune comandar um grupo de cerca de 10 mil homens e mulheres contra os invasores, seu povo foi derrotado. Com a derrota, a princesa foi presa e levada para o mercado de escravos e, de lá, foi enviada para o Brasil. Chegou ao Recife em 1597, mesmo ano em que um grupo de 40 negros fugidos chegou à Serra da Barriga, formando o primeiro núcleo do que seria o Quilombo dos Palmares.

Aqualtune foi vencida como escrava reprodutora e seguiu, já grávida, para uma fazenda na região de Porto Calvo. Foi nessa região que ouviu os primeiros relatos sobre um reduto de africanos livres e decidiu comandar uma fuga para o quilombo, nos últimos meses de gravidez juntamente de outros escravos e obteve sucesso. O local possuía um grande espaço que abrigava diversos povoados fortificados, os ex-escravos se organizavam para a formação de um estado negro em meio à selva. Os rituais africanos e seus costumes originais foram mantidos, o Aqualtune a líder quilombola e avó de Zumbi dos Palmares, foi uma figura muito importante para a história da população negra durante o período colonial.

Luislinda - A primeira Juíza Negra do Brasil

Após ser discriminada por um professor a menina decidiu ser Juíza. Em 1984, o sonho virou realidade. Foi autora da primeira sentença de condenação por racismo no país, em 1993. Em 2003 criou o Balcão de Justiça e cidadania para solução de conflitos em áreas pobres de Salvador.

2.4. O trabalho de ganho e as ganhadeiras no contexto do Brasil e da cidade de Salvador.

As trabalhadeiras escravizadas e libertas ganhadeiras, no Brasil escravista surgiu no cenário urbano nos séculos XVIII e XIX. De acordo com Leahy (2018) eram negros e negras africanos e de descendência africana, escravizados ou libertos, postos para trabalhar nas ruas do Brasil na figura dos escravos de ganho, que eram obrigados pelos seus senhores a realizar algum tipo de trabalho nas ruas, levando para casa no final do dia a soma de dinheiro. Eles davam a maior parte do dinheiro que ganhavam para seus senhores, mas ficavam com uma parcela, um pouco do lucro. Foi relativamente comum este tipo de trabalho pelos escravos, apesar de que poderiam ser terrivelmente punidos se não arrecadassem os valores exigidos pelos seus senhores, tinham certas vantagens sobre os outros tipos de escravos, isso porque tinham maior mobilidade, fazendo com que tivessem mais possibilidades de circulação do que os escravos das áreas rurais e mineradoras.

De acordo com a Autora, os trabalhadores de ganho, vistos em cidades brasileiras principalmente entre os séculos XVIII e XIX, eram negros africanos e de descendência africana, escravizados ou libertos, postos para trabalhar nas ruas, em atividades comumente desprezadas pela mão de obra branca e livre; ao negro, ainda que liberto, não era socialmente tolerado o exercício de profissões de maior prestígio social. Os escravizados que realizavam trabalho de ganho pagavam aos seus “donos” uma quantia previamente acertada e, com o dinheiro que restava, aos poucos, era possível a alguns juntar o necessário para a compra da alforria. Havia, ainda, os escravos de ganho que eram liberados para morar em domicílio próprio, responsabilizando-se por seu sustento:

Esse tipo de atividade não era estranho às negras importadas pelo tráfico negreiro, pois que em muitas sociedades africanas delegavam-se às mulheres as tarefas de subsistência doméstica e circulação de gêneros de primeira necessidade. Muitas ganhadeiras africanas eram provenientes da costa Ocidental da África, onde o pequeno comércio era tarefa essencialmente feminina, garantindo às mulheres papéis econômicos importantes. (Soares, 1996: 60).

De acordo com Leahy (2018) as mulheres que realizavam o trabalho de ganho no Brasil, chamadas de ganhadeiras, ocupavam lugar de destaque na vida

urbana. Pelas ruas da cidade de Salvador, encontravam-se tanto negras libertas quanto as escravizadas postas a mercar nas ruas, juntando dinheiro para sua alforria e a de parentes ou para o sustento da família. Era principalmente às mulheres que cabia a comercialização de alimentos que, no caso de Salvador, contribuíram para popularizar a culinária baiana que ainda hoje é vendida nas ruas, em grande medida mantida como tradição da Bahia pelas baianas de acarajé, na variedade gastronômica de seus tabuleiros.

O início da história das Ganhadeiras de Itapuã vem do momento onde o bairro era apenas uma vila de pescadores e um grupo de mulheres negras já lutava pela subsistência de suas famílias. Para Leahy (2018) o trabalho de ganho era um dos ofícios mais praticados pelo trabalhador de rua na cidade de Salvador, onde as mulheres lavavam “roupas de ganho” e, outras faziam quitutes e outras iguarias. iam a pé até o centro da cidade, equilibrando balaios nas cabeças, encontravam-se tantas negras libertas quanto as escravizadas, juntando dinheiro para sua alforria ou para o sustento da família. Muitas mulheres ajudavam os pescadores a puxar rede, chegavam em casa com a gamela, tratavam o peixe, assavam, enrolavam na folha de banana e levavam para vender nas feiras.

No bairro de Itapuã da cidade de Salvador há um movimento de preservação da identidade cultural dessas mulheres negras. A antiga e a nova geração comprometida para o fortalecimento da identidade cultural de Itapuã e no cuidado desse resgate das memórias afetivas de cada uma, para resgatar as tradições do passado e pela preservação da memória cultural do bairro, formaram um grupo com dezessete mulheres, dez crianças e ainda músicos que os acompanham. Elas já se apresentaram em várias partes do país, onde receberam vários prêmios com seu repertório de cantigas e samba de roda. Foram homenageadas no Carnaval do Rio de Janeiro de 2020 por meio da Escola “Unidos do Viradouro”, onde narravam a história dessas mulheres escravizadas e libertas, que prestavam diversos serviços nas cidades brasileiras.

Mattoso (1978, p.285) informa que, dentre os baixos ofícios permitidos à população negra, especialmente a livre, o trabalho de ganho, “esse meio de se ganhar o sustento diário, é preferido também pelas mulheres mulatas e pretas que vêm a engrossar as fileiras das ganhadeiras de todo tipo.” Especialmente para as mulheres escravizadas e descendentes ou oriundas do continente africano, a *mercação*, que se configurava no trabalho de ganho no Brasil e em Salvador, era

uma atividade sem muitos mistérios, pois habitualmente realizada na África. Leahy (2018) traz o pensamento de Soares (1996) para explicar a atividade da mercção. Segundo o autor, as mulheres circulavam com gamelas equilibradas nas cabeças mercando seus produtos, ou levavam seus tabuleiros e fogareiros e faziam lá mesmo a comida que venderiam. Tomavam as paredes das ruas e comercializavam frutas, carne assada, peixe-frito, chapéus, tapetes e outros tipos de itens artesanais e alimentícios.

O Grupo das Ganhadeiras, como também é conhecido, retrata o cotidiano e as atividades da antiga Itapuã, em apresentações musicadas elaboradas a partir das memórias dos integrantes mais velhos e da vontade de moradores nativos em manter vivas as tradições do lugar. Leahy (2018) conta as histórias relatadas pela sua mãe sobre a família das mulheres ganhadeiras que viviam em Itapuã. As mulheres que viviam de ganho atuavam como lavadeiras ou saíam com seus balaios a pé para vender iguarias na cidade. No trajeto, ou enquanto executavam os serviços, era comum que entoassem cantigas de roda, sambas e cirandas, que foram transmitidas ao logo dos anos até as novas gerações das famílias.

De acordo com a Autora, a adoção da palavra ganhadeiras para o nome do grupo, tomado em homenagem às antigas trabalhadoras de ganho que viveram em Itapuã, evidencia a busca por elementos de identidade que remontassem as tradições de seu povo. Juntamente às memórias dos moradores, o arranjo dessas referências simbólicas deu origem a um espetáculo artístico-cultural, com letras de músicas, ritmos. Mattoso (1978) esclarece que existem duas grandes categorias de escravos urbanos: os primeiros são escravos para uso doméstico, e os segundos são os escravos de ganho, isto é, os que trabalham no mercado de trabalho e constituem um investimento rentável para seus senhores. De acordo com o autor ainda existe uma outra categoria que são os trabalhadores livres negros e mulatos, que ao não poderem gozar de altos salários, optam por usufruir os lucros que oferece o exercício do pequeno comércio ambulante ou não.

Para Leahy (2018) é preciso observar, através da história dos trabalhadores de ganho, especialmente em Salvador, as bases práticas e simbólicas desse costume tradicional, ainda hoje pouco exploradas nos estudos sobre o povo negro e a escravidão, e que fazem do trabalho de ganho e das ganhadeiras pouco conhecidos até no Brasil. A partir daí, poderemos ver de que forma os elementos desse costume, traduzido em práticas reais ao longo do desenvolvimento de Itapuã

enquanto bairro, nas memórias, estórias e histórias, são trabalhados ludicamente pelo Grupo das Ganhadeiras enquanto elementos representativos de identidade do povoado de Itapuã.

2.5. Sobre Segregação racial

Para dar seguimento ao estudo aqui apresentado, se faz de suma importância falar um pouco sobre a segregação racial, que consiste na separação de determinado grupo social levando em consideração suas características físicas (MADEIRA; GOMES, 2018).

Baseada nos ideários higienistas, segundo os estudos de Bastos (2017), a segregação racial classifica a humanidade em raças, com a consideração de traços culturais, intelectuais e habilidades a fatores genéticos. Com a eugenia¹ houveram catástrofes ao longo da história que marcaram toda a civilização humana de diversas maneiras. Foram guerras, colonizações, escravidão, genocídio, dentre tantas outras que podem ser enumeradas e que envergonham toda a humanidade.

Os efeitos da segregação racial são severos, e podem ser observados em países como Estados Unidos e África do Sul, pautados por legislações segregacionistas que trouxeram a essas nações, tragédias inomináveis de delitos contra a natureza humana. No Brasil, após a abolição da escravatura, tal fenômeno se fortaleceu no tecido social e no cenário cultural pela falta de atitude do Estado em relação à inclusão efetiva da população negra na sociedade (CARVALHO, 2013).

Paixão; Gomes (2012) ressaltam que a segregação racial é um fenômeno milenar, existente em toda a trajetória da história humana. Movimentos migratórios ocorridos no século XXI vem despertando em alguns países o nacionalismo exagerado, e as manifestações de xenofobia² contribuem para a segregação de

¹A eugenia, também chamada de **eugenismo**, consiste em uma série de crenças e práticas cujo objetivo é o de melhorar a qualidade genética da população. Uma das justificativas para a existência da eugenia é a de que as raças humanas consideradas superiores prevalecem no ambiente de maneira mais adequada. Por este motivo, muitas pessoas consideradas não dignas de transmitir suas respectivas hereditariedades a seus descendentes foram submetidas à esterilização contra vontade. O conceito é tido por alguns estudiosos como uma filosofia social, ou seja, uma eugenia social cuja filosofia teria fins de organização da sociedade. No entanto, essa ideia não é aceita universalmente. **Fonte da consulta:** <https://www.significados.com.br/eugenia/>.

estrangeiros nos guetos, nas vilas e nas periferias, construindo assim um território segregado, negro e pobre.

A segregação racial ocorre de diversas maneiras, podendo ser classificada como formal ou informal. Ocorre por meio das leis, repressão, violência ou regras culturais de convivência. Pode ser explícita ou implícita, aceita ou negada, velada ou desvelada (GUIMARÃES, 1999).

Bastos (2017) cita em seus estudos Edmond Préteceille, que traz interpretações sobre a segregação com fundamentação nas escolas de Chicago, destacando pensadores como E. Park e E. Burgess. Tais estudiosos compreendem a segregação como um fenômeno que tem o quadro socioeconômico como seu fundamental princípio. Segregar é separar em classes econômicas. Não misturar. Os autores descrevem o fenômeno na história do século XX como algo peculiar a sociedades capitalistas, que separam as populações em categorias de análise, dividindo em nacionalidade, classe, renda, ocupação, raça, religião, cor, língua, idade, composição familiar e outros quesitos.

Por isso é importante observar as formas culturais de segregação que se manifestam sem mesmo se valer dos dispositivos legais para isso. Esse tipo reside no constrangimento dos sujeitos que compreendem sua exclusão como consequência de erros pessoais ou mesmo de sua etnia (CAMPOS; MACHADO, 2015).

A Constituição de 1988 trouxe muitas inovações sociais e culturais para o Brasil. Mas este foi o último país a abolir a escravidão, e foi também a nação que mais recebeu africanos escravizados. Após a abolição, os negros foram deixados à própria sorte, mandados para as periferias, sem acesso aos serviços públicos, vivendo à margem da sociedade brasileira. A herança dessa mentalidade permanece até hoje e segrega homens e mulheres negras ainda no cenário atual do Brasil (BASTOS, 2017).

Contradiz-se quem afirma que a segregação racial prejudica apenas um grupo, aqueles segregados. Prejudica toda uma sociedade que perde muito com a divisão em classes e territórios. O desenvolvimento social depende da agregação, da colaboração mútua e do respeito que os indivíduos têm uns pelos outros. Nenhum país será realmente e plenamente desenvolvido se categorizar seus moradores por cor, raça ou religião (CAMPOS; MACHADO, 2015).

No Brasil, a partir de 1870, iniciou o surgimento de doutrinas evolucionistas, positivistas e darwinistas, trazendo a 'teoria das raças' para o cenário da discussão social. Tal teoria era contrária à miscigenação, tão presente no país, quase sendo sua característica social mais significativa, pois recebeu povos de todas as partes do mundo para sua povoação (PAULA, 2005).

Ainda:

A miscigenação foi incentivada como princípio de sociabilidade e inexistência de racismo no Brasil. Entretanto, é na obra "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre (2004), que o conceito de miscigenação perde a conotação pejorativa para se transformar num símbolo da cultura nacional. O mito da democracia racial brasileira revelou-se útil à dominação (PAULA, 2005, p. 190).

Ainda considerando os estudos de Paula (2005), se observa que estudos comparativos entre os EUA e o Brasil revelam a complexidade brasileira ao perceber que o preconceito é uma questão 'de marca', e nos EUA é uma questão de origem. Tal construção de fenótipo está originado na democracia racial construída ao longo de anos no Brasil.

O racismo brasileiro já está naturalizado, apesar de toda a luta pelo contrário. Não é possível uma comparação mediana com outras sociedades, pois está intimamente ligado à estrutura de hierarquia. Para combater isso, são necessários mais comunicação, mais empatia, mais respeito e acima de tudo, apoio governamental

2.6. Auto declaração de raça

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) faltam 2,5 milhões de mulheres pretas e pardas no país. Tal número é resultado da atitude dessas mulheres de se declararem pardas ou negras, declarando-se brancas nas pesquisas, o que estatisticamente, difere e muito dos homens. Tais dados retratam a dificuldade dessas mulheres de aceitarem e reconhecerem suas origens.

Importa ressaltar que frequentemente, uma mulher decide pesquisar sobre outras mulheres, motivada pela necessidade de buscar pontos de referência para uma auto definição diversa ao modelo patriarcal no qual foi criada. Uma mulher

decide saber da vida de outra mulher para poder aprofundar o conhecimento acerca de outras realidades para mudar a sua (SOIHET, 2004).

Os estudos de Daflon (2014) apontam que, historicamente, as mulheres costumemente se declaram mais brancas do que pretas ou pardas, em contraposição às declarações dos homens. Tal diferença se manteve, conforme dados da Pnad coletados pelo autor, durante o impressionante crescimento do povo brasileiro que se afirmava preto ou pardo na última década da pesquisa, com uma suba de 45% para 55% de 2001 a 2015. Atualmente 53% das mulheres se declaram brancas, frente a 56% de homens.

Tal prática pode ser cultural e histórica, visto que:

A partir da implantação da República, percebe-se que houve uma tentativa sistemática e um esforço para promover a invisibilidade e o desaparecimento da população descendente de africanos em território brasileiro. A república teve em seu decorrer, muitas frentes de grupos com efetiva atuação contrária aos interesses e necessidades da negritude (SILVA et. al., 2018, p. 28).

Assim, mesmo com direitos garantidos, essa população se sentia menosprezada, e de fato era, e por isso, se envergonhava de suas origens, criando uma cultura (costume) de se autodeclarar branco ao invés de preto ou pardo.

Com uma estimativa conservadora, já que a probabilidade de mulheres e homens nascerem brancas no Brasil é completamente insignificativa, não existem pesquisas suficientes para comprovar isso, visto que a auto declaração é a forma encontrada pelo IBGE para medir isso. Nem para medir os motivos pelos quais as mulheres deixam de ser autodeclaradas pardas ou pretas (CAMPOS; MACHADO, 2015).

Observa-se que tal número aumentou quando surgiram as oportunidades de vagas em universidades e concursos públicos para a população preta ou parda. Trata-se de uma questão cultural, conforme os estudos de Cardoso (2014), pois a explicação para a diferença entre as autodeclarações para homens e mulheres está explícita nos estados. No Norte do país, Rondônia, Piauí, Roraima e Bahia a proporção entre homens e mulheres é quase igual, já nos estados do Sudeste e do Sul em Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro, essa diferença é gritante.

Corroborar-se que o preconceito e a discriminação são construídos socialmente, estando enraizados culturalmente e, por essa razão podem e devem ser ressignificados, proporcionando aos futuros educadores repensarem suas convicções ideológicas, por meio de práticas

socioculturais; ao reconhecer seus futuros alunos como idênticos em dignidade e direitos (...) (SILVA et. al., 2018).

Retomando a questão cultural da autodeclaração, a diferença também diminui conforme a escolaridade da pessoa. Quanto mais estudo tem a mulher, maior a chance dela não se declarar branca, se aceitando e tendo orgulho de sua origem. A maior diferença de proporção entre mulheres e homens que se declaram brancos está no grupo que não completou o ensino fundamental (CAMPOS; MACHADO, 2015).

A identidade está enraizada na territorialidade. Segundo o artigo de Stefanello (2018) toda e qualquer comunidade busca em seu território a construção da sociedade, com características, acontecimentos e costumes que vão ao encontro do que está presente em seu ambiente. Ainda:

Falar sobre a formação da identidade de grupos sociais é algo extremamente complexo, haja visto que tratamos de sujeitos não expostos a diferentes contextos sociais, que formaram sua ideologia, pensamentos, ações e sentimentos em ambientes diversos. Essa realidade, seja individual ou coletiva, os leva a assumir posicionamentos diferenciados diante de cada espaço social (STEFANELLO, 2018, p. 117).

Diante disso, é possível perceber que a análise do cenário global e brasileiro é necessário para um melhor entendimento da participação da população negra feminina na construção das sociedades e comunidades.

Ainda, se percebe que, geralmente, as mulheres, em especial, as mulheres negras, são deixadas de fora da historiografia nacional e mundial, como se sua colaboração não tivesse sido significativa. O livro História das Mulheres no Brasil de Mary Del Priore, publicado em 1997 pela Editora Contexto:

(...) vem coroar uma longa empreitada de historiadoras (e historiadores eventualmente) tributária do movimento feminista, que desde os anos 70 vêm procurando dar visibilidade à mulher, ignorada pela historiografia tradicional. Todos os adjetivos que costumam acompanhar lançamentos editoriais cabem aqui: esta é uma obra obrigatória, importante, instigante e também fascinante. A seleção de textos abarca o período histórico desde os primórdios da colonização até os recentes movimentos sociais em que as mulheres brasileiras estiveram envolvidas (MATTOS, 1997, p. 353).

E assim, marca um novo cenário da historiografia brasileira, ao ressaltar o papel das mulheres na construção da sociedade e da cultura do país. A resenha de Mattos (1997) a respeito do livro, apresenta um trabalho de levantamento de fontes

primárias, escritas, iconográficas, orais bem como de extensa bibliografia científica. Além das fontes e dos períodos históricos variados, os artigos voltam-se para mulheres de diferentes classes sociais em diversas regiões e situações de vida: do meio rural ao urbano, da freira à prostituta, ricas ou professoras, pobres ou analfabetas.

3. FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA DE VIDA

Este capítulo apresenta fragmentos da história de Lurdes de Deus, uma mulher negra nascida em 1922 e que viveu 89 anos dedicada a servir bem os seus na cidade de São Borja. A história de Dona Lurdes será apresentada por meio de algumas fontes tais como: A obra de Mikita Cabeleira (2014) onde a autora apresenta a história de algumas mulheres do ramo da gastronomia de São Borja; Crônicas e artigos de jornais de Duval (2019) e entrevistas. Antes de entrarmos na análise dos documentos e entrevistas apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa.

3.1. Metodologia

A metodologia em uma pesquisa assume um papel importante pelo fato de validar os caminhos percorridos na análise dos dados. pesquisa por isso delinearemos aqui o procedimento metodológico dessa pesquisa.

Quanto à abordagem essa investigação fez uso da pesquisa qualitativa. Minayo (2001) considera que a pesquisa qualitativa contribui para um trabalho que pretende trabalhar com significados, valores, crenças e atitudes. No caso dessa pesquisa o objeto em questão – a história de Dona Lurdes de Deus – foi abordado a partir do olhar de outras pessoas presentes nos livros, artigos e entrevistas, ou seja, coletamos de certa forma o olhar subjetivo dessas pessoas sobre Dona Lurdes onde estão imersos também seus valores e suas crenças. Quanto aos procedimentos esta pesquisa fez uso de três: Pesquisa bibliográfica sobre o tema da questão étnico-racial no Brasil, a questão da mulher negra; entrevistas com um ex-presidente de um clube social e com dois filhos da Dona Lurdes. Análise documental de livros e reportagens sobre Dona Lurdes.

A pesquisa bibliográfica de acordo com Lakatos e Marconi (2003), abrange toda produção que já foi publicada no que diz respeito à temática que se deseja abordar, abrangendo desde livros, monografias e revistas, até materiais publicados em meios de comunicação orais, tais como gravações, filmes documentários, etc. A

finalidade desse tipo de pesquisa é proporcionar ao leitor uma visão geral sobre o que foi produzido em relação ao assunto pesquisado. A pesquisa documental de acordo com Gil (2008) é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Em relação à entrevista, Marconi e Lakatos (2007) consideram que ela é considerada um encontro entre duas pessoas onde o objetivo é aquisição de informações por meio de uma conversa de natureza profissional. Para os autores este é um procedimento utilizado na investigação que auxilia na coleta de dados e ajuda no diagnóstico e tratamento de uma problemática.

As entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro semi-estruturado (Anexo 2). O roteiro foi seguido como um formulário previamente elaborado. Os entrevistados foram devidamente orientados, antes da realização da entrevista, sobre os objetivos, a relevância da pesquisa, a importância de suas colaborações e sobre a forma de confidencialidade. A conversa que efetivou a entrevista foi gravada e posteriormente transcrita.

3.2. Lurdes de Deus, a rainha dos tabuleiros

A mais experiente quituteira e banqueteira da cidade partiu, quinta-feira, 25 de abril, aos 97 anos. Dona Lurdes não apenas dedicou a vida ao preparo de doces e salgados, ouvindo seu nome junto aos elogios sobre as festas da sociedade: ela transmitiu o dom da culinária entre gerações, compartilhou suas histórias com alunos de estudantes e tinha na cozinha, até o último de seus dias, o espaço onde sua alma se abastecia com as lembranças vindas das panelas (DUVAL, 2019).



Figura 01: Fotografia para ilustrar reportagem e homenagem à Lurdes de Deus³

A crônica da jornalista Adriana Duval, publicada na semana da morte de Lurdes de Deus ilustra perfeitamente o capítulo que se inicia. Neste breve recorte da vida da Negra Lurdes, estarão relatados fatos e eventos importantes da trajetória dessa mulher que ressignificou a mulher negra na sociedade.

No livro de Mikita Cabelleira de 2014, *São Borja, Arte de Bem Servir*, o capítulo destinado à Lurdes de Deus apresenta a história de uma mulher negra muito importante para a historiografia da cidade de São Borja, e também para o Estado do Rio Grande do Sul. O trabalho de pesquisa da autora revelou a história dos banqueiros, quituteiros e confeitores do Município, e um capítulo inteiro destacou a senhora Lurdes de Deus, a rainha dos tabuleiros.

E no artigo de Cristina Queiroz, *Modos de libertação e sobrevivência*, publicado em 2017, são relatadas as estratégias que as escravas utilizavam para conseguir sua alforria. Ilustra de uma forma leve as estratégias de Lurdes de Deus para sobreviver em uma sociedade preconceituosa, mesmo não sendo escrava, era negra e mulher.

Ao apresentar sua relação com Lurdes de Deus, Cabelleira traz um conceito que muitas pessoas têm medo de usar, o de chamar de 'preto' uma pessoa negra. Isso demonstra o respeito que a autora tinha pela pessoa de Lurdes, considerando que utilizar termos pejorativos somente prejudica a historiografia, e para uma pessoa

³ **Fonte:** Site Deco Almeida, foto Miro Bacim, disponível em: <<https://decoalmeida.com.br/lourdes-de-deus/>>

tão importante para toda a sociedade são-borjense, respeito e postura são essenciais.

(...) E eu sempre fui apaixonada por ela. Ou porque era uma amiga doceira e sempre estava dando provinhas dos seus quitutes, ou porque ela era diferente, mesmo. Diferente das outras pessoas que eu conhecia. Era de cor escura, mas escura de verdade. Era preta! Não tinha cabelo à mostra, usava sempre um lenço colorido na cabeça. E mantinha um sorriso inigualável. Devia ter, naquela época, uns 35 anos de idade (CABELLEIRA, 2014, p. 42).

A amiga participava de todas as festas da casa da autora. Seu pai, um político poderoso na cidade, tinha um apresso muito grande pela quituteira, e fazia questão de convidar ela e sua família para suas reuniões sociais. Lurdes cresceu na cidade junto com seu negócio de banquetes e quitutes. Virou a rainha dos tabuleiros e seus salgadinhos, doces e banquetes foram reconhecidos até na capital do Estado.

Em Porto Alegre, naquela época, muitos filhos de são-borjenses iam estudar devido à falta de universidades na cidade. Assim, foram a autora e os filhos da Lurdes. Em um momento em que a colônia dos são-borjenses se reuniu na capital a responsável pelo banquete foi ela e toda a sua equipe, garantindo assim o sucesso e para trazer aquelas pessoas para mais perto de sua casa.

Festas memoráveis tiveram o tempero de Lourdes e João. “As moças que casaram nos anos 1960, 1970, 1980 e 1990, ela teria feito quase todos os banquetes”, comentou Mikita. Dentre os eventos grandiosos, um enlace da família Mariano da Rocha. “Foram cinco mil doces. O bolo tinha cinco andares”, lembrou Lourdes. E os festejos do casamento da filha do General Serafim Vargas - sobrinho do presidente Getúlio. “Bolo para mil e duzentas pessoas, com quatrocentas rosas de confeitos”, disse Lourdes, ainda impressionada com o feito (DUVAL, 2019, s.p.).

Para compor o capítulo em homenagem a amiga, a autora foi buscar direto na fonte todas as informações, entrevistando a Senhora Lurdes de Deus em sua residência. Ela inicia dizendo:

Para obter seu depoimento, voltei mais uma vez na Rua Coronel Lago número 1920, na tarde de 10 de agosto de 2013. Lá onde ela vive há mais de meio século, em um sobrado espaçoso. Minha Neguinha Lurdes não mudou e, apesar de estar com 91 anos de idade, me aguardava bem faceirinha, com colares e pulseiras de ouro, e um turbante bem disposto na cabeça (CABELLEIRA, 2014, p. 44).

Quando questionada sobre o início da profissão, a bela senhora relatou que ou ela seria empregada doméstica ou seria babá dos filhos dos ricos, e em uma época em que o negro só podia ser empregado, ela resolveu ser ‘gente’ e independente, tendo consciência que poderia sim servir aos mais ricos, mas fazendo isso poderia também ganhar dinheiro. E se tinha algo que ela sabia fazer bem, eram quitutes e comidas bem elaboradas.

Importa ressaltar que:

Negar-se a trabalhar, responder para seus senhores e provocar pequenos prejuízos tornaram-se estratégias de mulheres negras escravizadas para desvalorizar o próprio preço. Valia até pedir proteção a famílias inimigas dos senhores a quem serviam para conseguir a alforria (QUEIROZ, 2017. s/p.).

Assim, Lurdes se enquadra ao que se refere o artigo de Queiroz (2017) *Modos de libertação e sobrevivência*, quando se nega a ser apenas empregada doméstica ou babá dos filhos dos ricos e decide enfrentar a sociedade transformando-se na quituteira mais famosa da cidade. Segundo o estudo, as mulheres eram mais bem sucedidas que os homens por conta da demanda de serviços domésticos, e Lurdes viu, na demanda dos quitutes e mesas bem servidas, o seu foco para o sucesso.

Lurdes aprendeu tudo com a irmã mais velha, Edita Rosa de Deus, a Tida. Trabalhavam preparando jantares diferenciados com comidas requintadas, com peixes, galinhas, bacalhaus e atuns, muito pouco utilizados na culinária da época. Faziam saladas de maionese com diversos ingredientes, matambres recheados com legumes e queijos, e colocavam temperos diferenciados de forma a deixarem uma marca na lembrança da sociedade que as contratava.

A cozinha de Lurdes de Deus da Silva serviu militares e civis, ricos e pobres, personalidades e anônimos. E presidentes inclusivos. No amplo sobrado localizado na Rua Coronel Lago, no Centro da cidade, ela vivia seu melhor ofício, em roda dos ingredientes para encomendas de salgados e doces. Tradição de mais de meio século transmitida à filha, às netas, às sobrinhas e tantas outras que com ela aprenderam o valor do bem-servir (DUVAL, 2019, s.p.).

Nesse contexto, é importante retomar os autores anteriormente citados, que relataram sobre a força da mulher negra que sempre foi um marco na historiografia da escravidão no Brasil. Muitas mulheres negras ficaram reconhecidas por sua coragem e força em mudar seus futuros, iniciando trajetórias de sucesso, ganhando

respeito e reconhecimento, e a Negra Lurdes, como ficou conhecida, foi uma dessas mulheres.

Outro estudo que importa retomar é o de Queiroz (2017) que relata que as quituteiras de São Paulo, por exemplo, eram negras libertas que tinham uma grande mobilidade no espaço urbano. Preservavam a tradição de preparar comidas populares como o angú. Lurdes também transitava por São Borja de forma bastante livre. Era respeitada e reconhecida por onde passava.

Mikita relembrou na entrevista outras mulheres que foram importantes na sua trajetória, demonstrando respeito e reconhecimento por elas. Mas, eram mulheres brancas, não negras como ela e sua irmã. Foram mulheres que mesmo em um momento escravocrata de uma sociedade bastante preconceituosa, se aliaram a uma mulher negra para dar a ela uma oportunidade. Relembrou a esposa de um médico, Senhora Maria Mottola Motta, e uma doceira conhecida na cidade que era especialista em compotas e geleias. Ambas ensinaram muito à Lurdes, e a elas, ela sempre demonstrou gratidão (CABELLEIRA, 2014).

Quem é essa pessoa que aos 95 anos, alegre lúcida e ainda bastante vaidosa, é lembrada, homenageada e encantada a todos que a conhecem? Dona Lurdes de Deus, Lurdes doceira ou Lurdes quituteira, sem dúvida é uma referência em gastronomia, mas basta conhecermos melhor sua história de vida para entendermos que sua contribuição é bem maior que no campo gastronômico, ela é um exemplo de vida par gerações. (Garcia; Pinto,2018)

A mulher negra, casada com João da Silva, também negro, iniciou sua trajetória de banqueteira e quituteira em uma sociedade amplamente machista e preconceituosa. Ficou reconhecida pelo sabor e pelo capricho de seus preparos. João, era tintureiro, e vendo que a mulher e sua equipe estavam fazendo muito sucesso, não tendo mais tempo hábil para novas encomendas ou mesmo para servir com o primor que desejavam, abandonou a profissão e se aliou ao negócio da mulher, que virou negócio da família. João trabalhou com Lurdes até 10 de julho de 2010, quando faleceu. Importa ilustrar essa parte da história da Negra Lurdes com outro trecho da crônica de Adriana Duval:

No final dos anos 1950 - "já trintona" -, foi pedida em casamento. O pretendente, João, viraria um empreendedor criativo. Se com a mãe e a irmã Lurdes aprendeu como primeiras receitas, com o esposo adquiriu a experiência de pratos inovadores, enfeitados no capricho. "Passamos mais acordados, trabalhando, do que dormindo. Não sei como é que

acompanham os filhos!”, brincou, com um generoso sorriso que proporcionou evidenciar os dentes brancos sobre a pele negra, macia qual seda pura (DUVAL, 2019, s.p.).

Quando estava já com 20 anos de profissão, ganhou seu primeiro curso profissionalizante, de salgadinhos e docinhos. Foi a Senhora Cledi Maurer que presenteou a amiga com o curso na cidade de Santo Ângelo, onde ela morava. Mandou buscar a Lurdes de carro. Lá ela aprendeu a fazer os tabuleiros grandes de madeira, forrados com papel alumínio. Os ingredientes para fazer os quitutes naquela época vinham por meio de representantes e, na maioria das vezes, Lurdes e João ficavam com caixas inteiras de produtos para ‘aproveitar a viagem’ (DUVAL, 2019).

Foi nesse curso que teve a inspiração das saladas em formas de pássaros e flores que tanto marcaram sua trajetória na culinária. Os tabuleiros recebiam quitutes, saladas, perus assados, leitões e pernis, tudo decorado com muito apressado pela rainha dos tabuleiros.

“Mas lhe digo” - discorria a simpática senhora, sempre enfeitada com lenço ou turbante na cabeça. “Minha mãe e minha irmã Edite foram um exemplo para mim. O pai morreu antes de eu completar dois anos”, continuava. Dona Antônia Rosa de Deus, viúva aos 27 anos, lidava com tudo. Fazia linguíça, preparava doces e lavava roupa. Tinha presença de espírito e sabedoria - herdadas, nitidamente, por Lurdes, que apareceu no bairro do Tiro, sem boneca nem roupa bonita. Sem sequer uma foto para a lembrança da infância. Mas lhe sobravam dignidade e alegria (DUVAL, 2019, s.p.).

Lurdes construiu uma trajetória invejável. Constituiu família, formou os filhos, preparou os netos. Em sua família a maioria seguiu seu caminho, todos têm talentos culinários, mas somente a filha Helena segue trabalhando, os demais seguiram rumos profissionais diversos. Mas, segundo ela mesma falara na entrevista, todos tinham seus dotes culinários.

A entrevista concedida a Mikita Cabelleira em 2013 que resultou no livro *A arte de bem servir* trouxe uma lembrança com relação à família da autora do livro, que ilustra perfeitamente a história da quituteira.

Para as festas de casamento das tuas irmãs, nos anos 50 e 60, eu fiz todos os salgadinhos, docinhos e bolos. Teu pai exagerava naqueles churrascos! Tu que é a minha ‘filha branca’, eu não fiz a festa do casamento, pois casastes em Porto Alegre. Todas as festas da tua família eu fiz. Cheguei a fazer doze mil frios e seis mil docinhos para as Bodas de Prata dos teus

pais. Até há pouco tempo, a gente tinha o tabuleiro do bolo do casamento da tua irmã, Dona Marly, que era enorme, uma imensidade, fora de limites (LURDES, 2013).

Na metade do século XX, mais precisamente entre 1950 a 1970, ainda se evidenciava o racismo na sociedade de São Borja, onde os clubes sociais eram classificados entre brancos e negros. Os clubes da elite social São-borjense discriminavam os negros inclusive em seu estatuto social.

3.3. O Clube Recreativo São-borjense e o Bloco de Lurdes de Deus

Conforme consta na Ata do livro do Jubileu de Ouro (1999), a criação do Clube Recreativo São-borjense aconteceu por causa da necessidade de um local para militares particularmente subtenentes e sargentos, confraternizassem com suas famílias. Essa iniciativa que foi apoiada pelo então Major Serafim Dornelles Vargas, militar do Exército, do círculo de oficiais que servia o 2º Regimento da Cavalaria Independente. A criação e fundação do Clube Recreativo São-borjense é importante para a pesquisa sobre o Clube Recreativo Esperança, considerando que este fato resulta posteriormente, na criação e fundação do CRE. Pois segundo a mesma Ata, nenhuma pessoa de cor, além das antes citadas poderia ser admitida como sócio da entidade.

A segregação racial explícita na Ata do Clube Recreativo São-borjense, foi o motivo para a criação e fundação do clube Recreativo Esperança, pois o impedimento do acesso de “pessoas de cor” ao clube foi o motivo para os negros fundarem o clube. Cabe ressaltar que todos os relatos destacaram que o racismo e a segregação eram presentes e explícitos em todos os clubes sociais da cidade naquela época.

Lurdes sempre gostou de cozinhar, mas também sempre apreciou um carnaval, onde criou um bloco que era o “Bloco dos Matos”, onde se reuniam em sua casa para fazer reuniões sobre o bloco, para se prepararem para os desfiles que o bloco realizava nas ruas do centro da cidade nas noites de carnaval, onde as pessoas apreciavam os desfiles do bloco. Como naquela época, o negro não

participava dos clubes dos brancos, eles se divertiam fazendo desfiles pelas ruas da cidade.

Para surpresa de Lurdes o ex-presidente Jango a levou ao Clube Comercial da cidade em um baile de Carnaval. Gostava tanto de sua amiga que queria que toda a sociedade são-borjense a respeitasse como merecia.

Conforme o relato de Dona Maria Lurdes da Rosa de Deus, a Dona Lurdes, famosa cozinheira da Cidade e uma das Fundadoras do clube Recreativo Esperança, a origem do clube remete as reuniões de família, às festas de aniversário e outros eventos familiares, que aconteciam nas casas e reuniam as famílias, Legal, Claudiano e da Rosa nos anos de 1920 e 1930.

Dona Lurdes relata que dessas reuniões de família, surgiu um bloco de carnaval, que um dos incentivadores do bloco era o seu tio Jerônimo de Deus, Juntamente com sua mãe Antonia de Deus e que o bloco, durante muito tempo ficou conhecida como Bloco “dos matos”, devido às características do local onde viviam aquelas famílias, Dona Lurdes relata, ainda, que no local onde surgiu o bloco, onde atualmente é o bairro do Tiro, na época era habitado particularmente por pessoas de pele negra.

(...) os blocos, as escolas, e tribos e os cordões, modo relativamente “espontâneo” de associação, onde todos são parentes, amigos, vizinhos ou (professores ou “alunos”). Talvez seja o momento da vida social brasileira em que se possa expressar de modo aberto e sem censuras os laços de vizinhança, parentesco, profissão etc. (DAMATTA, 1997.p.69, Grifos do autor)

Dona Lurdes de Deus relata que o bloco utilizava instrumentos de corda e tambores para fazer as cantorias no carnaval quando desfilavam pelas ruas do centro e eram muitos elogiados pela população, quando passavam entoando canções carnavalescas e tocando os seus instrumentos de corda e percussão. Recorda que o senhor “Cavaco”, de nome Augusto Vieira, homem branco da cidade Rio Grande, escrevia as músicas com ritmos de sambas, marchas e cordões, recorda de uma marcha que ficou famosa de nome “Vem Morena”.

Dona Lurdes relata que entre os fundadores do bloco estavam seu Januário da Rosa e Jerônimo da Rosa, seus tios, a senhora Edith da Rosa de Deus, sua irmã, Augusto Vieira e Maria Vieira, além de Celso de Deus e Aristides de Deus, seus

irmãos, Gregório Legal, dona Eloína Rosa Barreto, Manuela Betim, assim como funcionário público de nome Felizado.

A casa na Rua Coronel Lago, onde ela residia, e onde seus familiares ainda residem, foi adquirida por sua mãe Antônia de Deus e lá funcionava um bar que era por ela dirigido. Neste local, as pessoas se reuniam e organizavam as atividades do bloco. Ressalta – sei que o lugar era frequentado por militares, inclusive o General Serafim Vargas, seu irmão Umbelino Vargas e outros militares de vários “graus”, para fazerem as refeições, reunirem-se nas horas de folga e por pessoas de diversas profissões e condições econômicas. Os quais tinham muita amizade e respeito entre eles e para com sua mãe, a dona do bar.

O Clube recebeu o nome de Esperança, entretanto nenhuma das pessoas entrevistada soube dizer o motivo da escolha do nome, dona Lurdes recorda.

A Negra Lurdes caiu nos gostos dos presidentes. São Borja é conhecida como a Terra dos Presidentes, onde nasceram Getúlio Vargas e João Goulart. Ambos eram apreciadores de seus quitutes. Getúlio adorava as empanadas, que acabaram ganhando seu nome. Jango gostava tanto de seus quitutes que cada vez que vinha a São Borja, a primeira coisa que fazia era fazer uma visita à casa a doceira preferida, para matar a saudade dos doces que ele mais gostava.

Lurdes foi uma mulher negra que em uma época bastante controversa, demonstrou força e coragem para ganhar sua vida de forma honesta com seus quitutes, sem se deixar humilhar ou denegrir por ninguém.

Lurdes atendeu aos gostos dos presidentes dessa terra. João Goulart tinha preferência por quindim e olho de sogra. Jango ia na sua casa e encomendava. Lá aparecia sempre que estava na cidade. Sua esposa, Maria Tereza, descia do carro e dizia o que ele queria comer: “olho de sogra”. Então, Lurdes pedia que ela desse umas voltas com ele, para que pudesse providenciar a encomenda. Outras vezes, eles iam para a Granja e, depois de prontos os docinhos, Lurdes mandava entregar tudo lá (CABELLEIRA, 2014, s.p.).

O que se observa em São Borja é um imenso orgulho de ser Terra de Presidentes, mas também muito se fala na Negra Lurdes. Mulher de riso fácil, ou melhor, gargalhada fácil, alegre, trabalhadeira e honesta. Forte e de um caráter invejável. Orgulho dessa terra com certeza, não somente para a sociedade, mas em especial para as mulheres negras que tiveram nela a inspiração para suas vidas.

Ao longo de sua dedicação aos sabores à mesa, Lurdes completados de homenagens, entre comendas, títulos e troféus. Mas a denominação que mais lhe orgulhava é a que escutava sempre que saía de casa. “Oi, 'vó Lurdes!”, Dizia um, dizia outro. “Tenho tanto 'neto' por aqui que nem dá pra contar!”, comentou, com um sorriso de pura alegria por viver junto à comunidade que se tornou sua grande família. Afinal, Lurdes de Deus há muito já podia ser considerada nossa, integrante do patrimônio de São Borja (DUVAL, 2019, s.p.).

A mulher que poderia ter sido apenas uma babá ou doméstica de ricos, como falou na entrevista, recebeu homenagens importantes na cidade. Na Câmara de Vereadores recebeu os títulos Troféu Personalidade Feminina, Comenda Aparício Mariense, Cidadã Emérita e outras honrarias que demonstram o respeito da sociedade por ela. Mulher forte, exemplo para muitas e inspiração para todas.

3.4. A mulher negra na sociedade de São Borja

No cenário da História as mulheres estiveram, até recentemente, fora da produção historiográfica. Pois foram “destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento” (PERROT, 2001, p.16). Tal invisibilidade está intimamente relacionada ao merecimento e valorização de relatos históricos do espaço público em que as mulheres eram menos vistas e, por não estarem em áreas consideradas de destaque, pouco se falava delas.

Em São Borja não foi diferente, pois, somente recentemente se viu notícias, artigos de opinião, livros e estudos sobre as mulheres do Município, e sobre as mulheres negras então, identificou-se apenas quatro obras, sendo um livro de Mikita Cabeleira que traz sobre o nosso objeto de estudo, Lurdes de Deus, um capítulo inteiro, uma crônica da Professora Adriana Duval da UNIPAMPA e um artigo de opinião do jornalista Deco Almeida. É necessário ampliar esse leque, pois na história da cidade não são poucas as mulheres negras que contribuíram ativamente para sua construção efetiva, tanto histórica, quanto econômica e cultural.

Dotar o mundo de significados a partir de práticas subjetivas, sendo elas intencionais ou não, acaba por gerar processos de identificação individuais ou coletivas. Neste tipo de prática cultural, o indivíduo está criando uma identidade para si por meio destes documentos, cujo sentido está sendo alargado no momento da atribuição de significados ou da guarda de objetos (MOREIRA, 2018, p. 63).

Assim, conforme a reflexão de Moreira (2018) é possível, ao construir esse estudo, trazer para mais perto das mulheres, em especial as negras, a história da nossa cidade, enfatizando a contribuição da mulher nela. É importante ter a consciência de sua importância, e para isso, escrever sobre outras mulheres é uma forma enriquecedora de conseguir esse objetivo.

Para Santos (2011) os territórios são influenciados intimamente por uma cultura de massas que busca a homogeneização, impondo-se sobre a cultura popular por meio do mercado indiferente às heranças e realidades atuais das sociedades.

Cultura popular deve ser entendida como um todo integrado, se que não divide da vida cotidiana, revelando os modos de vida e os saberes de determinada comunidade (SANTOS, 2011). Assim, para o estudo aqui construído, a territorialidade da mulher negra em São Borja se dá por meio da historiografia local com as mulheres que fazem parte dela.

Lurdes de Deus é o significado mais concreto dessa historiografia, considerando que todos os que a conheceram ou souberam sobre ela, a dizem a são-borjense Lurdes de Deus, quituteira de presidentes e pessoas importantes do país. Lurdes é uma mulher que traz significação para as mulheres de São Borja. Rompeu barreiras, construiu uma carreira sólida e ainda hoje deixa herança para seus familiares, pois a filha, continua fazendo quitutes famosos em toda a região.

Pois tu sabes minha filha, ou eu seria empregada doméstica ou babá dos filhos dos ricos. Então, numa época em que o negro só podia ser empregado, eu resolvi ser 'gente' e independente. Sempre soube que servindo os ricos, de outra maneira, poderia também ganhar mais dinheiro (LURDES, 2013).

Essa fala nos remete ao quanto a força de Lurdes de Deus foi o suporte necessário para a mudança em sua vida. Ela por si, decidiu que iria fazer sua trajetória. Esse perfil foi exemplo para muitas outras mulheres negras em São Borja. Conforme retrata Cabelleira (2014) em seu livro, Lurdes era uma mulher respeitada, e muito procurada por toda a sociedade da época.

Santos (2011) aponta a necessidade de se conhecer os moradores e os costumes do ambiente que forma o lugar. Na época em que Lurdes iniciou sua trajetória profissional, os negros, em especial as mulheres negras, não tinham

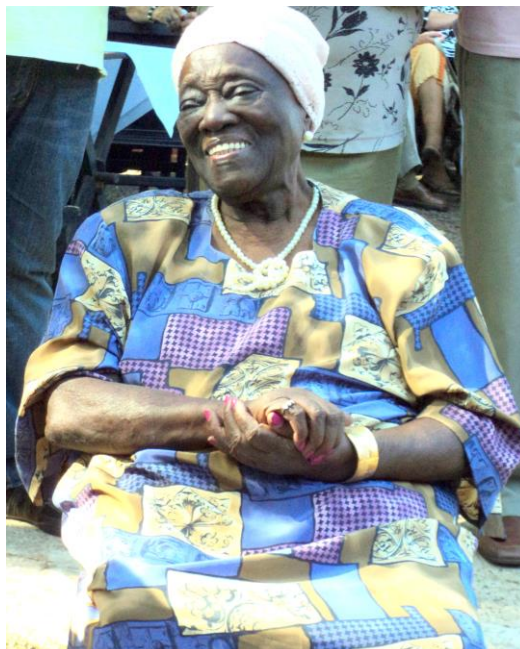
oportunidades. Quem trazia oportunidades eram as pessoas brancas, e para Lurdes não foi diferente. Ela soube aproveitar muito bem o que se apresentou a sua frente.

Minha benfeitora, mesmo, foi Dona Maria Mottola Motta, esposa do Dr. Emilio⁴. Ela era de Porto Alegre, casou em julho com o *Dotor*. E em setembro, dia 26, foi o aniversário dele. Então, nós preparamos toda a festa na casa deles. E tudo era decidido e determinado por ela. Empadas e croquetes com suas receitas, camafeus, quindins, fios de ovos também, pois ela era doceira de mão cheia. Depois do aniversário do Dr. Emilio as encomendas foram muitas. Aí sim, eu virei doceira de verdade (LURDES, 2013).

Ao completar 90 anos de idade, a matriarca da família de Deus recebeu familiares e amigos em um almoço grandioso. Autoridades, pessoas de outras cidades, artistas da terra e pessoas da comunidade estiveram presentes para levar à Negra Lurdes um abraço, um carinho e o reconhecimento pelo seu valor a essa terra.

A imagem a seguir, ilustra esse dia grandioso tanto para a família de Lurdes de Deus, quanto para toda a sociedade são-borjense.

Figura 02: Festa de 90 anos de Lurdes de Deus



⁴ O casal Emilio Trois Motta e Maria Mótola Motta marcou época na cidade, participava de todas as atividades sociais e filantrópicas. Ele era médico de família tradicional na cidade. Seus irmãos eram todos ligados à área da saúde: José Motta, Farmácia São-borjense; Dr. Ildfonso Motta, do Laboratório de Análises Clínicas; e Dr. Pedro Motta, médico em Porto Alegre. Dona Maria foi uma senhora muito elegante e charmosa, vinda da Capital, que adotou São Borja como sua terra natal (CABELLEIRA, 2013).

Fonte: Acervo pessoal da Família De Deus.

Retomando a territorialidade, o pertencimento a determinado grupo ou mesmo a afirmação da identidade coletiva são elementos que trazem fortalecimento a construção da identidade individual das pessoas e vice-versa. A língua, a religião, o território em si e a história construída nele fazem parte desse processo de construção identitária (PAULA, 2005). A família de Deus e a figura de Lurdes de Deus tem um significado importantíssimo na construção dessa identidade coletiva em São Borja, tanto pela sua trajetória, quanto pelos seus ensinamentos, como fica claro nas palavras de Mikita Cabelleira, que é a ‘filha branca’ como Lurdes se referia.

3.5. Dona Lurdes e a questão racial na cidade de São Borja sob a ótica dos entrevistados

Com o objetivo de buscarmos mais elementos que contribuíssem com a reconstrução histórica da Dona Lurdes realizamos algumas entrevistas. Primeiramente com um ex-presidente do Clube São-borjense e posteriormente com dois filhos dela.

Representando uma liderança comunitária, buscamos entrevistar um dos diretores do Clube Recreativo São-borjense, o Sr. Virgílio da Silva Martins. Um dos primeiros clubes a aceitar negros em sua sociedade, foi fundado em 21 de abril de 1949, e está situado à Rua General Marques, 215, no centro de São Borja.

O Sr. Virgílio participou da Diretoria do Clube desde 1961 a 1979, sendo presidente do mesmo de 1973 a 1977. Sobre o acesso a pessoas negras no Clube o mesmo declara que não havia “nenhuma restrição”. Ao ser perguntado sobre a presença de negros na diretoria do clube o mesmo afirma: “*Negro mesmo não lembro ter havido, mas moreno, sim*”. Segundo ele, as mulheres negras tinham acesso aos eventos do clube sem restrição. Sobre Dona Lurdes especificamente o mesmo relata: “*Ela era conhecida por todos na cidade. Simpática, comunicativa e dinâmica, se projetou muito em São Borja, inclusive, foi ela que fez a janta da festa de casamento de nossa filha, no salão nobre do Clube*”.

Ao ser perguntado sobre como o negro era visto naquela época, o mesmo afirma que viam o negro “*Como um ser igual aos outros. Como podemos discriminar uma pessoa pela cor?*”

As próximas duas entrevistas foram com os filhos de Lurdes de Deus, Antônio e Maria Helena, que trouxeram uma contribuição significativa para o trabalho, considerando a educação recebida e também a forma de se colocar diante da sociedade, ensinada pela mãe e pelo pai.

Com relação às lembranças de sua mãe a filha Maria Helena afirma que:

“O que marcou mesmo, era tudo envolvido com o serviço. Ela era de amanhecer e seguir firme com suas encomendas. A casa sempre cheia, ela era de se envolver com as compras, saía em todos os bairros a procura de materiais e depois que conseguia essa parte era a parte de servir, os garçons e as gurias, foi ela a primeira que veio com as garçonetes, inclusive criou as roupas de baiana que era as baianinhas, não só de baiana, mas as roupas de garçonetes que eram sanhinha com um aventalzinho e outras dependendo da festa”.

O filho Antonio aponta que as festas aconteciam tanto em São Borja como em Santo Tomé na Argentina. Segundo Antonio sua mãe também proporcionava trabalho para mais gente da família: *“Ela sempre procurou gente para ajudar e tinha ajuda da família praticamente quase todos eram da família. (...) e seguiram depois suas vidas nesse ramo”*. Aqui podemos trazer o conceito de capital social⁵ de Bourdieu:

O conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. BOURDIEU (1998, pg.67)

Dona Lurdes se apoiava numa rede de relações com pessoas da “alta” sociedade, mas também era o centro de uma rede de apoio a outras pessoas que dela se aproximavam como sua família. A família possui uma ligação permanente e útil, ou seja, a mão-de-obra de Dona Lurdes era quase toda da família como destacou seu filho. Ela podia não ter grandes posses, mas possuía contatos na elite da cidade que a beneficiava e garantia o sustento de si e dos seus.

⁵ Com relação ao capital social indicamos a leitura de um romance intitulado A Menina de Belluno (MORAIS, 2021) que retrata dentre outras questões como as famílias de grandes proprietários se utilizavam do casamento como uma estratégia para manutenção das relações de capital social e ampliação de seu poder econômico sobre outras pessoas. O referido romance também apresenta as estratégias de sobrevivência dos escravos que ficavam entre a disputa dessas relações de poder. Cabe salientar também que o romance aborda o contexto histórico da Guerra Cisplatina ocorrida entre os anos de 1825 a 1828 na América do Sul

Com relação ao sentimento de ser negro na cidade de São Borja, Maria Helena destaca que para eles foi tranquilo: *“não sentíamos preconceito por parte dos brancos, talvez fosse pela influência de minha mãe na sociedade”*. Vejam que aqui a filha destaca novamente o capital social da mãe, o fato da mesma ser reconhecida como alguém importante para a cidade fazia com que os filhos também fossem respeitados. Ela continua: *“... e a gente sabia o que podia fazer e onde podia ir, mas de modo geral nos sentíamos inseridos nesta sociedade e tínhamos o respeito de todos”*

Sobre a forma como eles (filhos) viam sua mãe, Antônio afirma:

“Ela era muito alegre sempre, querendo reunir as pessoas para fazer festa, ela gostava mesmo era de um bom churrasco e uma cervejinha, não gostava de pessoa negativa que ficava falando em doença, corria com ela. Ela tinha uma força fora do normal, ficava acordada 3 dias só trabalhando, enquanto os outros caíam de sono, ela ali firme, parecia sobrenatural, nunca tinha visto igual. Naquele tempo, faziam 10 mil doces e dez 10 mil salgadinhos tudo a mão, para mais de 1000 pessoas, não tinha batedeira, hoje não é mais assim, e para pouca gente e tem maquinário, imagina se fosse hoje o que ela não ía fazer”

Percebe-se que Dona Lurdes tinha que superar os próprios limites físicos para dar conta de seus afazeres e também de certa forma para não “desagradar” seus clientes. Está implícita nessa prática, a ideia de que ela precisava “servir” com qualidade, de que ela sentia esse dever de servir o outro. Mesmo recebendo por isso fica nítida aqui a ideia de servir bem o outro, uma certa obrigação de fazer o serviço bem feito.

Retomamos aqui a reflexão de Queiroz (2017) ao nos dizer que para conseguir recursos os negros passavam por sacrifícios diversos, trabalhavam sem folga. Dona Lurdes já estava habituada dentro de sua cultura a vencer obstáculos e perigos que antes, quando escravas, já existiam, mas não havia nelas a esperança de uma vida melhor. Ao ter a possibilidade de poder ganhar seu próprio dinheiro, tudo mudava e com certeza ela enfrentava as adversidades com mais entusiasmo e força que muitos homens.

A filha destaca:

“Minha mãe era muito responsável com suas encomendas, uma vez fomos para a formatura do filho do Sargento Beto (Dil) em Porto Alegre, ela tinha em seguida uma festa em São Borja, não lembro direito, sei que era da Maria Tereza, mulher do Dr. Odil, quando chegamos em Porto Alegre, não encontrou passagem de volta ficou muito nervosa, ela queria porque queria

a passagem. Era muita coisa... Uma vez ela foi convidada pelo Dr. Emilio para conhecer a Bahia, ela não quis ir porque tinha as festas para fazer, minha mãe sempre foi totalmente dedicada ao serviço desde nova

Vejam aqui como a ideia de sacrifício está muito presente na sua “obrigação em servir” com qualidade e respeito ao seu cliente. E aqui não podemos deixar de considerar que os clientes de Dona Lurdes são os descendentes dos “senhores de engenho”. Ou seja, aqueles que antes violentavam os escravos são agora (em seus filhos) aqueles que continuam esperando os serviços de uma descendente de escravos. O sacrifício é um elemento que na cultura ocidental está aliado à concepção da meritocracia, ou seja, para vencer eu devo me sacrificar, trabalhar arduamente. Para Chauí (2003) Locke aliou o conceito de trabalho e propriedade privada, ou seja, o trabalho com sacrifício é merecedor da propriedade.

Antônio relata que sua mãe *“nunca tirou férias, não tinha como sair, era festas todos os dias. Ela nunca disse vou tirar um mês de férias, sempre trabalhou, até depois de bem idosa. Sempre muito responsável, só pensava em aprontar tudo para entregar no prazo”*. A partir da concepção liberal, os pobres que não trabalham e não se tornam proprietários são considerados fracassados e responsabilizados individualmente, pelo seu fracasso, pelo fato de serem preguiçosos e não trabalharem o suficiente para conseguir uma propriedade. Assim, o “burguês acredita que é proprietário graças ao seu próprio trabalho” (Chauí, 1996, p. 375).

Mais adiante Antônio relata outra situação sobre sua mãe:

“Há um tempo atrás, fizeram um Buffet para a filha do general Serafim Dornelles Vargas, para o casamento de sua filha, Elizabete com Floriano, o bolo era enorme, deu trabalho, teve que ser feito fora de casa, foram feitas 400 rosas, feitas com glacê batido a mão, sem batadeira, corantes ou açúcar de confeitiro, para 1200 convidados, ainda sobrou bolo”

É possível perceber como a ideia do sacrifício pelo outro é um elemento que permeia a vida de Dona Lurdes, como reforça sua filha:

“Os tabuleiros eram feitos pelo meu pai e as rosas também, minha mãe o ensinou fazer doces e ele fazia bem feito tudo, tinha uma habilidade nata parecia que ele já tinha vindo com esse dom, tudo que ele fazia era perfeição. Não tinha fogão, os bolos eram feitos em uma peça onde ficava o forno que tinham 5 andares e assavam tudo junto”

Na cultura ocidental, a ideia de que a riqueza é diretamente resultante do trabalho e empenho individual, legitima a relação indissociável entre sacrifício e sucesso. Para Cunha (1979, p.31), se a doutrina liberal repudia qualquer privilégio decorrente do nascimento e sustenta que o trabalho e o talento são os instrumentos legítimos de ascensão social e de aquisição de riquezas, “qualquer indivíduo pobre, mas que trabalha e tenha talento, pode adquirir propriedade e riquezas”. A propriedade privada vai adquirindo uma aura sagrada no mundo ocidental, pelo fato de que ela é legitimada não apenas por uma teoria econômica, mas também por um discurso religioso, por uma autoridade divina.⁶ Trabalhar duro é algo que é “abençoado por Deus” na visão capitalista cristã do mundo ocidental.

Entende-se, portanto, que o conceito de mérito vai adentrando em todas as esferas da sociedade e estruturando-se como um importante elemento na legitimação das disparidades econômicas e sociais entre as pessoas e nações. Daí a importância de sempre compreendermos a lógica econômica e as ideologias que determinam e direcionam as concepções educacionais. Segundo Dubet (2002) a palavra mérito está no centro do projeto republicano sob o reino da liberdade, da integração social, da educação do povo, da defesa da cultura burguesa.

Com relação à educação que recebeu da mãe Maria Helena afirma que sua mãe sempre se preocupou com os estudos dos filhos e dos parentes:

“colocou os filhos nos melhores colégios da cidade, eu e minha irmã estudamos no colégio Sagrado Coração de Jesus (nas Freiras), eu mais tarde fui estudar na Maçonaria, Sagradinho, CESB e Getúlio, o meu segundo grau fiz o técnico em contabilidade, depois eu e minha irmã fomos fazer a faculdade em Porto Alegre, onde minha mãe comprou um apartamento para nós poder estudar, mais tranquilo, eu me formei em matemática e minha irmã em pedagogia, mas não fez o estágio, para trabalhar nessa área, mas, mais tarde, ela fez o técnico de gastronomia para continuar ajudando a mãe e ficar no ramo que ela gosta”

⁶A relação entre religião e economia pode ser melhor compreendida nos estudos de Jung Mo Sung (1998) que abordam a legitimidade da ideia do sacrifício na economia capitalista. Ao investigarem sobre a fundamentação teológica do neoliberalismo, analisam as ideias e argumentos neoliberais que buscam uma justificativa e legitimidade bíblica para o problema da desigualdade de renda. Segundo eles, para os defensores do capitalismo, é necessário que uns façam sacrifício para que outros atinjam o sucesso. Com relação às crenças legitimatórias, Bourdieu (2005) discorre sobre os sistemas simbólicos como legitimadores do poder dominante; afirma que Weber e Marx entendiam que a religião cumpre uma função conservadora da ordem social, contribuindo para a legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados. “A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social” (BOURDIEU, 2005, p. 35). Um maior aprofundamento sobre o caráter sagrado do esforço e dos frutos do trabalho ver em Weber (2001).

Num estudo realizado por Koga (2009), a mesma apresenta uma discussão em torno do investimento pedagógico promovido pelos pais dos professores. A autora discorre sobre a concepção das configurações familiares de Lahire (2004) quando descreve o estudo sobre sucesso escolar nos meios populares delineando as configurações familiares com base em cinco temas nucleares: *as formas familiares da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico*. O investimento pedagógico acontece quando os pais entendem que a escola é um dos caminhos e quase o único, para mobilidade social dos filhos. Diante disso passam a investir na educação dos filhos.

Quanto à relação de Dona Lurdes com as pessoas, o filho Antônio destaca que:

“Minha mãe era bem quista pela comunidade toda, todos gostavam dela, os eventos da cidade, ela fazia para todos, para rico, para pobre, ela não tinha distinção, ela era uma pessoa muito boa, gostava de ajudar, ela fazia muita doação. Ela fez uma promessa para mim até os 7 anos de idade que tudo que sobrasse do meu aniversário ela daria para o asilo. Inclusive, quando eu completei 50 anos também foi para o asilo. Engraçado, ela tinha mais prazer em doar, o pai que dizia olha como ela está feliz, por doar, para ela não interessava se a pessoa tivesse ou não dinheiro, ela podendo, ela ajudava sempre. Gostava muito de conversar com jovens, que eram bem desenvolvidos, às vezes vinha fazer entrevista com ela, teve um que ela adotou, gostou muito do rapaz, depois ele foi embora, ela continuava a se comunicar com ele”

Pode-se observar que Dona Lurdes tinha um perfil muito solidário e sensível com os problemas das pessoas. A filha Maria Helena destaca que ela “ganhou vários troféus na Câmara de Vereadores, Clube Recreativo e Clube Comercial, Acisb⁷”. Ela destaca também que Dona Lurdes “foi tema da escola de Samba Vai Vai no ano de 2015⁸, onde ela desfilou e foi muito aplaudida pelo povo.”

O filho Antônio destaca que “*as moças todas da cidade vinham se aconselhar com ela*”. Segundo o filho “*ela conversava qualquer assunto com todos os jovens de igual para igual até parecia que ela tinha a idade deles*”.

Com relação ao legado de Dona Lurdes para São Borja, Maria Helena destaca que Dona Lurdes “deixou muitos ensinamentos para todos que conviveram com ela”, muitas pessoas “continuam fazendo o que aprenderam com ela e

⁷ Fotos dos troféus e homenagens disponíveis no anexo 1.

⁸ Reportagem na íntegra disponível no anexo 2.

repassando para outro”. A filha conta que muitas vezes ela chegava em um lugar e diziam: *“eu trabalhei com ela e aprendi muito com tua mãe, graças a ela hoje eu tenho minha profissão, e assim vai se ramificando a história dela e os ensinamentos dela”*.

É possível perceber que Dona Lurdes deixou um legado de uma mulher muito corajosa e valente, muito guerreira, porém um legado centrado no serviço ao outro. Mesmo cobrando pelo serviço, sua preocupação central era servir bem. Parece provável considerarmos que o valor dado ao pagamento recebido pelos seus doces era menor do que o valor do serviço e do contentamento do seu cliente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui o objeto desta dessa pesquisa que foi a construção de uma análise da trajetória de uma mulher negra da cidade de São Borja que se destacou pelos seus quitutes e pelo fato de adquirir uma certa distinção na cidade em função de prestar serviços à elite local.

A análise foi realizada por meio da história de vida contada nos livros o que expressou comentários do povo, baseados nos laços de amizade, devido seu carisma, sua popularidade, competência e estilo de viver. No entanto, após as descobertas e ponderações feitas por entrevistas e estudos teóricos, esses laços mostraram-se bem desafiadores de serem recontados, pois guardam o objetivo de preservação e reelaboração de valores e práticas da tradição de vida e da história de uma mulher negra numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Dona Lurdes, estudada nesta pesquisa, semeou saberes e práticas de comunicação com a realidade dos trabalhos que foram desenvolvidos, a exemplo da relação com os clientes e sua equipe de trabalho. Entre as atividades de quituteira e banqueteira de festas memoráveis realizadas em São Borja e várias cidades do Estado e em algumas cidades da Argentina. Ali cada detalhe, criatividade e bom gosto de apresentar suas festas lhe traziam mais prestígio e fama.

Naquela época São Borja parecia esconder o preconceito nas conversas entre amigos e na sociedade de um modo geral, pouco se falava nisso, mas era evidente que ele estava presente, as elites não se misturavam, a sociedade era dividida. Era possível perceber entre os clubes da cidade, onde havia o clube dos ricos, os clubes da classe média, clubes dos pobres e o clube dos negros: Clube Comercial, Clube Recreativo São-borjense, Clube Fraternidade e Clube Esperança, respectivamente, era tudo bem dividido, não se misturavam e, Dona Lurdes de certa forma foi uma negra que entrou em todos esses clubes para organizar as mais altas festas da elite, ganhando o gosto dos dois presidentes da República e dos poderosos da cidade, onde ela tinha acesso as casas de todos, onde outro negro não tinha essa liberdade. Porém é importante ressaltar que (de acordo com nossa pesquisa) ela admitiu suas duas opções de vida: ser empregada doméstica ou babá dos ricos. Dona Lurdes conseguiu trilhar um outro caminho sendo quituteira. Uma análise mais profunda do que isso significou para ela e para a sociedade da época

ainda precisa ser realizada em estudos futuros. A força e garra de Lurdes demonstram sua vontade de ir além do que era sempre reservado para pessoas de sua cor. Lurdes com sua atitude queria demonstrar a necessidade de uma luta pela igualdade racial e justiça social.

As entrevistas dos filhos nos fazem perceber que Lurdes de certa forma sempre teve uma preocupação em servir bem as pessoas. A pesquisa também nos ajuda a concluir que as relações sociais construídas pela Dona Lurdes foram importantes para o sucesso de seu empreendimento no mundo dos negócios. Estar em constante relação com a elite de São Borja foi um elemento que lhe rendeu muitos benefícios e condições de driblar aquilo que de certa forma estaria destinado a ela: ser babá ou empregada doméstica.

A trajetória de Lurdes de Deus nos aponta indícios de novas problemáticas de pesquisa como a relação entre capital social e sucesso pessoal. Não se pode afirmar de forma alguma que ela conseguiu tudo com esforço pessoal pois não conseguimos perceber com mais detalhes a profundidade e especificidade de suas relações sociais. Para isso precisamos de novas pesquisas e aprofundamentos. O que esta pesquisa aponta são indícios de que a superação dos estereótipos proveniente da cor e da condição social podem ser problematizados na perspectiva do capital social (Bourdieu, 1998). O futuro diferenciado que Lurdes passa para seus filhos também podem ser melhor aprofundados na relação entre o capital social e o investimento pedagógico na perspectiva de Lahire (2004).

O que nos cabe parcialmente concluir é que Dona Lurdes é um caso que ainda merece – pela sua distinção social na cidade – muitos estudos e muitas homenagens!

Obrigado Dona Lurdes pela sua vida!

Obrigado pelo seu legado!

REFERENCIAS

ÁREA DA MULHER. **Mulheres negras que marcaram a história do Brasil e do mundo**: Disponível em: <<https://areademulher.r7.com/curiosidades/mulheres-negras/>> Acesso em: 15 ago. 2020.

BASTOS, R.M.B. **Segregação racial e socioeconômica no sistema educacional básico dos Estados Unidos**. Pro-Posições, Campinas, v. 28, supl. 1, p. 160-181, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000400160&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 out. 2020.

BOURDIEU, P. **O capital social** – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998

_____, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005a.

CABELLEIRA, M. **São Borja e a arte do bem servir**: banqueiros, quituteiros e confeitores da cidade. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2014.

CAMPOS, L. A; MACHADO, C. **A Cor dos Eleitos: determinantes da sub-representação política dos não brancos no Brasil**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 16, p. 121- 151, jan/abr. 2015.

CARMO, L; PEREIRA, F. **A construção de uma história das mulheres: uma abordagem transdisciplinar**. EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, out de 2015. p. 23416 – 23425.

CARDOSO, C. **Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set/dez. 2014.

CARVALHO, L. **A concretização das desigualdades: disparidades de raça e gênero no acesso a bens e na exclusão digital**. In MARCONDES, Mariana Mazzini (org). Dossiê Mulheres Negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Editora IPEA, 2013.

CARVALHO FILHO, B. **Resenha: História das Mulheres no Brasil**. Revista das Ciências Sociais. Vol. 28, n.1/2, 1997. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrj.br/bitstream/riufc/10095/1/1997_art_bcarvalhofilho.pdf> Acesso em 02 nov. 2020.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Ática. 1996

_____. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, Dec. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300002&lng=en&nrm=iso.

COSTA, V; COSTA, M; JESUS, T. ***Africanas libertas, status e redes sociais no Recife oitocentista***, In XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES; Flávio (Orgs). *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Editora Selo Negro, 2012.

CUNHA, L. A. ***Educação e desenvolvimento social no Brasil***. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979

DAFLON, V. ***Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro***. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DEL PRIORE, M. ***História das mulheres no Brasil***. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

DUVAL, A. ***Crônica Da Cidade: Lourdes De Deus, 1922-2019***, publicada em 27 de abril de 2019.

DUBET, F. ***O que é uma escola justa: a escola das oportunidades***. São Paulo: Cortez, 2008

GUIMARÃES, A. S. A. ***Racismo e Anti-Racismo no Brasil***. São Paulo: Editora 34, 1999.

GARCIA, Z J; PINTO, R G. ***Territorialidades Negras no RS: a rainha dos tabuleiros***. In: SANTOS, Adriana Conceição Santos dos. (org.) *Territorialidades Negras no Rio Grande do Sul*. Rio Grande do Sul: Secretaria da Educação. Evangraf, 2018. (pp. 130-131).

GIL, Antonio Carlos. ***Como elaborar projetos de pesquisa***. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOMES; F (Orgs). ***Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação***. São Paulo: Editora Selo Negro, 2012.

HAESBAERT, R. ***O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade***. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HILÁRIO, G. ***Mulheres Negras de Axé: Narrativas de territorialidade, corpo, trabalho e construção identitária na comunidade do Laredo***. Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: < http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278437685_ARQUIVO_artigofazendogenero1.pdf>

HOBSBAWM, E., [1984]. ***Introdução: A invenção das tradições***. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 9-23.

KOGA, Y. M. N. ***Magistério e distinção: um estudo sobre as trajetórias das professoras ganhadoras do prêmio Professores do Brasil no meio oeste de***

Santa Catarina. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2009.

LAHIRE, B. 2004. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Ática

LEAHY, R. (2018). **As Ganhadeiras de Itapuã: memória e identidade em performance.** *Plural Pluriel*, (17). 2018. Disponível em: <https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/126>. Acesso em 20 fev 2021

LEAHY, R. C.; MACHADO, L. R. **Estórias das Ganhadeiras de Itapuã.** Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com habilitação em Jornalismo), Faculdade de Tecnologia e Ciências. 2006

MADEIRA, Z; GOMES, D. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo.** *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n.133, p. 463-479, Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282018000300463&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2020.

MATTOS, F. DEL PRIORE, M (Org.). **História das mulheres no Brasil.** Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 353-355, nov. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831997000300353&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 abr. 2021.

MATTOSO, K. M. Q., **Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX.** Salvador, Hucitec, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais. 1978

MORAIS, A. **A menina de Belluno.** Independently Publish - E-book – Amazon.com.br - ASIN : B091TBJ8PW. Made in the USA – Columbia – SC. 2021

MOREIRA, R. **O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa.** *In:* Território, território(s). Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGE UFF/AGB – Niterói, 2002.

MOREIRA, V. **Ensinar Mulheres na História: Abordagens Biográficas.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação: Programa de Pós-graduação em Ensino de História. Florianópolis, out 2018.

PAIXÃO, M; GOMES, F. **História das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão e raça e pós-emancipação.** *Revista Estudos Feministas.* Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/14.pdf> > Acesso em 23 out. 2020.

PAULA, Cl. **Magistério, Reinações do Feminino e da Brancura: a narrativa de um professor negro.** *In:* História da Educação do Negro e outras

histórias/Organização: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 a. p.167-234

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

QUEIROZ, C. **Modos de libertação e sobrevivência: Mulheres escravas usavam estratégias para conseguir comprar a alforria e trabalhar como libertas**. História, Revista FAPESP, Edição 253, Março/2017. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/modos-de-libertacao-e-sobrevivencia/>> Acesso em 20 ago. 2020.

SOARES, C. M. **As Ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Revista Afro-Ásia, Salvador: SEI, nº17. 1996

SILVA, A; BARROS, E; BASTOLLA, F; ORTIZ, R. **Territorialidade Negra – RS: uma prática interdisciplinar**. In: SANTOS, A. (org.) Territorialidades Negras no Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: Secretaria da Educação. Evangraf, 2018. (pp. 28-31).

STEFANELLO, S. **Projeto Territorialidades: o negro e sua identidade**. In: SANTOS, Adriana Conceição Santos dos. (org.) Territorialidades Negras no Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: Secretaria da Educação. Evangraf, 2018. (pp. 117-125).

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SOIHET, R. **Mulheres e Biografia. Significados para a história**. Lócus Revista de História. v.9 n. 1 (2003), Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20573>>. Acesso em 24 out. 2020.

VARGAS, M. **A história das mulheres negras no Brasil, no enfrentamento da discriminação e violência**. Produção Didático-Pedagógica. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do Professor. Produções Didático-Pedagógicas. Programa de Desenvolvimento Educacional. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_ufpr_marciadevargas.pdf> Acesso em: 15abr2021

ANEXOS

Anexo 1: Fotografias dos troféus e homenagens recebidas pela Dona Lourdes, feitas pela autora do estudo na residência da Família.







LOURDES DE DEUS

A receita do melhor afeto

Por Miro Bacin

Dona Lourdes de Deus da Silva nasceu em 31 de março de 1922, no bairro do Tiro, um mês após a explosão de criatividade cultural promovida pela Semana da Arte Moderna, na pujante São Paulo. Mesmo distante dos grandes centros, a pequena Lourdes também faria uma revolução - na gastronomia local, poucos anos depois. Ao lado da mãe, a Negra Lourdes, não à toa, passou a ser chamada de Deusa dos Tableiros. Seus quitutes encantaram gerações, deram água na boca de figuras como João Goulart, e hoje permanecem na lembrança de muitos dos que saborearam suas "obras de arte" moldadas em açúcar e afeto.

Os 89 anos de vida e a visão prejudicada por catarata não a impedem de sorrir diante dos pedidos de dezenas de clientes, que a procuram em busca de um "salgadinho perfeito", uma empadinha fumegando, com frango e camarão, um pastelão saboroso, feito de massa folhada e recheado com frango, azeitona e ovos, ou uma lasanha daquelas que só os deuses têm permissão para provar. E, de quebra, a baiana dos camavais do Passo, do Bloco Esperança, abre seu tableiro de doces e encanta com suas queijadinhos, quindins ou a sua obra-prima, o cabeça-de-negro, feito com ovos, côco e a provocante cobertura de chocolate.

Lourdes, sem o "dona", como gosta de ser chamada, é danada. Sabe como ninguém transformar receitas em maravilhas. Sabe também, como ninguém, contar histórias. Se deixar, fala por horas a fio. Lembra fatos, recorda momentos que marcaram a história de São Borja. É um prato cheio para quem busca compreender os hábitos das abastadas famílias de outrora. Como as encomendas não mais chegam com tanta frequência, sobra tempo e sua charla vai longe. "Certa vez, há mais de 50 anos, fiz um buffet para a filha do general Serafim Dornelles Vargas com a Joana, a Elisabete, que casou com o Floriano. O bolo era enorme, deu trabalho, especialmente as 400 rosas feitas com glacê batido à mão, sem batedeira, corantes ou açúcar de confeiteiro. Para encurtar a história, mesmo com os 1.200 convidados, sobrou bolo", conta.

Sua prosa passa por muitos outros casos e nomes de famílias tradicionais da cidade, mas é da mãe que a faz falar com orgulho. "Tudo que sei hoje devo a ela". Lourdes diz que a dona Antônia Rosa de Deus



Fotos: Miro Bacin

Lourdes: sorriso, quitutes e histórias

lidava com tudo: cuidava dos filhos, fazia linguíça, doces e lavava roupa para fora. "Um exemplo de vida e de mãe", reconhece. E completa: "Fazia uma 'mocotozada' de tirar o fôlego. Era saborosa, cheia de ingredientes e suculenta, bem diferente de hoje, que mais parece uma sopa do que um mocotó de verdade".

Nessas idas e vindas do tempo, o que deixa Lourdes inquieta é abordar a personalidade forte da mãe. Diz que dona Antônia era conversadeira. Falava com todos, sem distinção de classe. Sentia-se à vontade. Tinha presença de espírito. Aos 27 anos, se percebeu viúva, e com três filhos. Um fazendeiro tentou "adotar" um dos meninos, para ajudar na lida da casa. De pronto, falou com a razão e uma grande presença de espírito: "Se fosse branco, eu dava para o senhor; mas negro tem de ficar com a mãe", teria afirmado ela.

Os ensinamentos da mãe moldaram Lourdes, que, da união com João da Silva, em 11 de setembro de 1953, teve dois filhos, Maria Helena e Antônio Carlos, criados com os recursos vindos dos quitutes. "Meu trabalho nos sustentou e permitiu que tivéssemos uma vida com certa tranquilidade", garante. Hoje alonga o descanso, numa espécie de compensação por ter trocado muitas noites de sono pela beirada do fogão. "Eram tempos de muitas encomendas. Tínhamos de vencer os pedidos e a noite era o momento do trabalho. No outro dia entregávamos os salgadinhos fresquinhos".

Tamanha dedicação e controle na qualidade do produto resultavam no reconhecimento dos clientes. Mesmo com grandes demandas, Lourdes tinha de por a mão na massa e "carimbar" molhos e recheios. "Meus clientes sabiam quando eu não fazia isso. Não dizer o porquê, mas o gosto não era o mesmo e eles reclamavam".

"Acho que fiz tudo nesta vida. Errei em desviar minha filha dos estudos", assume, olhando para Maria Helena, professora primária do município e que largou a atividade para ser o braço direito da mãe. "Eram tempos de muito movimento. Ganhava mais aqui do que dando aula. Fiquei ao lado dela. Claro que me acomodei, não avancei no magistério, não me qualifiquei. Optei por ajudá-la", explica Helena. Sua opção permitiu que testemunhasse a trajetória da mãe: "Ela sempre teve uma força incrível, animou a todos nós. Está sempre de alto astral, nada abate ela. É o nosso maior exemplo", resume.



Fotos: Acervo pessoal



Registros do passado: delícias de Lourdes sobre mesas caprichadas

Anexo 3 – Roteiro de entrevistas

Roteiro de entrevista com um dos diretores do Clube Recreativo Samborjense

1. Quanto tempo o senhor participou da diretoria do clube, qual o clube e qual o período?
2. Como era o acesso dos negros no clube?
3. Havia negros na diretoria do clube?
4. As mulheres negras tinham acesso aos eventos realizados de que forma? Como ajudantes ou convidadas?
5. Conheceu a Dona Lurdes de Deus? Como o(a) senhor (a) a via?
6. Fale algo a respeito sobre como o negro era visto na sociedade daquela época.

Roteiro de entrevista com os filhos

1. Conte-me suas lembranças em relação a sua mãe?
2. Como vocês, enquanto família, se sentiam na sociedade são-borjense da época? Inseridos ou não? Se sentiam respeitados?
3. De que forma você via sua mãe?
4. Fale sobre a educação que recebeu.
5. Conte como era a relação de sua mãe com as pessoas de São Borja, sendo eles do convívio diário e também de eventos em especial.
6. Na sua visão, o que mudou na sociedade de São Borja após a existência de Lourdes de Deus.